WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
Abril 65 ANOS
CHEGA DE CHORO!
CEBOLLA RODRÍGUEZ DESCASCA A ZICA DE TÍTULOS DO GRÊMIO
Por que o técnico do Corinthians é o maior do Brasil
TITE
RIO 2016
O FRACASSO DAS SELEÇÕES DE BASE VAI RESPINGAR NO TIME OLÍMPICO?
Cuidado!
MORDAÇA, PERSEGUIÇÃO E TIROS: A DITADURA SOBREVIVE NOS GRAMADOS
ALÉM DOS ELEFANTES
Um ano depois da Copa, as novas arenas continuam procurando público e dinheiro
ISSN 977-010417600-0
ED.1402 x MAIO 2015 x R$13,00
PLACAR 45 ANOS
REVISTA FEITA COM RAÇA

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), José Roberto Guzzo, Giancarlo Civita e Eurípedes Alcântara

Presidente Abril Mídia: Giancarlo Civita

Presidente Editora Abril: Alexandre Caldini

Diretor-Superintendente de Assinaturas: Dimas Mietto
Diretor de Marketing Corporativo: Ricardo Packness de Almeida
Diretora de Mobilidade: Sandra Carvalho
Diretora de Publicidade Corporativa: Ivanilda Gadioli
Diretor de Apoio Editorial: Edward Pimenta

Diretora-Superintendente: Dulce Pickersgill

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor: Marcos Sergio Silva **Editor de arte:** Rogério Andrade **Editor de fotografia:** Alexandre Battibugli **Repórter:** Breiller Pires **Designer:** L.E. Ratto **Revisão:** Renato Bacci **PLACAR Online:** Fred Di Giacomo (Redator-Chefe), Ricardo Gomes (Repórter), Abraão Corazza (Editor de Arte), Juliana Almeida (Designer), Laura Rittmeister (Designer), Felipe Thiroux (Animação), Allyson Kitamura (Webmaster), Cah Felix (Webmaster), Leonam Pereira (Webmaster), Heber Alvares (iPad) **Coordenação:** Cristiane Pereira **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich, Walkiria Giorgino, Sonia Santos, Carolina Garofalo **CTI:** Eduardo Blanco (supervisor)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE UN HOMEM & LIFESTYLE – Diretor de publicidade: Alex Foronda **Pequenas e Médias – Gerente:** Fernando Sabadin **Executivos de negócios:** Adriana Mendes, André Bortolai, Claudia Galdino, Fernanda Melo, Leandro Thales, Lúcia Helena, Luisiane Ferreira, Marcello Almeida, Marta Veloso, Mauricio Ortiz, Mayara Brigano, Vera Reis de Queiroz **MARKETING – Diretora:** Carolina Melo Catto **CIRCULAÇÃO – Gerente:** Cézar Almeida **EVENTOS – Gerente:** Marcella Bognar **MARKETING PUBLICITÁRIO – Gerente:** Jair Oliveira **PUBLICIDADE REGIONAL – Diretor:** Jacques Ricardo **Gerentes:** Grasiele Pantuzo, Ivan Rizental, Kiko Neto, Sonia Paula, Vania Passolongo **PUBLICIDADE RJ** – Andréa Veiga **PUBLICIDADE INTERNACIONAL** – Alex Stevens

APOIO – PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES – Gerente: Camila Lima **PROCESSOS – Gerente:** Ricardo Carvalho **DEDOC E ABRIL PRESS** Elenice Ferrari **PESQUISA E INTELIGÊNCIA DE MERCADO** Andrea Costa **CIRCULAÇÃO** Andrea Abelleira **RECURSOS HUMANOS** Camila Morena, Marizete Ambran e Regina Cordeiro (Consultoria), Alessandra de Castro (Desenvolvimento Organizacional), Ana Kohl (Saúde e Serviços), Márcio Nascimento (Remuneração e Benefícios)

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior:** www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura e Construção, Boa Forma, Capricho, Casa Claudia, Casa Claudia Luxo, Claudia, Claudia Filhos, Contigo!, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Guia do Estudante, Guia Quatro Rodas, Info, Men's Health, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Publicações Disney, Quatro Rodas, Saúde, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja BH, Veja Brasília, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, VIP, Você RH, Você S.A., Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

PLACAR nº 1402 (ISSN 0104.1762), ano 46, maio de 2015, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Presidente: Giancarlo Civita

Diretor de Finanças e Gestão: Fábio Petrossi Gallo
Diretor Superintendente de Gráfica: Eduardo Costa
Diretora Corporativa de RH: Claudia Ribeiro
Diretor Corporativo de TI: Claudio Prado

Conselho de Administração:
Giancarlo Civita (Presidente), Andre Coetzee, Hein Brand, Roberta Anamaria Civita, Victor Civita Neto

www.abril.com.br

Sérgio Xavier Filho
DIRETOR DE REDAÇÃO

PRELEÇÃO

Baita técnico

Apenas dois dos 33 jornalistas que elegeram a seleção dos 45 anos da PLACAR votaram nele. Fui um desses malucos que ousaram dizer que Tite superou Telê Santana, Felipão, Minelli, Luxemburgo e Zagallo. Vou me explicar, ou ao menos tentar. Minha definição de "baita técnico" passa pela capacidade de fazer refeição de primeira com ingredientes de segunda. Lá atrás, em 2000, Tite foi campeão gaúcho com o Caxias vencendo o endinheirado Grêmio que contava com Ronaldinho Gaúcho. No ano seguinte, ele montou um na época incomum 3-5-2 e conseguiu com um Grêmio remendado vencer o grande Corinthians de Luxemburgo. Mas claro que o grande feito titeano foi com o próprio Corinthians, a tríplice coroa Mundial-Libertadores-Brasileiro. E com um time que não era exatamente um colosso técnico.

Em nenhum desses títulos tinha uma máquina mortífera na mão. Contava com elencos medianos, bonzinhos, no máximo. E encarou os timaços, e venceu. Mas talvez a grande razão do meu voto nele tenha sido uma conversa quando ele dirigia o bom São Caetano, lá por 2003. Ele explicava que preferia ter 22 bons jogadores a 11 excelentes e 11 razoáveis. "Boleiro precisa de concorrência, só isso o faz ficar desperto. Boleiro odeia ficar no banco, faz o diabo para ser titular. E é esse 'diabo' que constrói times fortes." Bingo. Nunca me esqueci da lição. Não tenho dúvida de que o Corinthians campeão mundial nasceu de um elenco que, antes de olhar pra fora, brigava internamente por posição. Após o título máximo, tirou o tal do ano sabático. Viu futebol, conversou com treinadores importantes, estudou. Voltou melhor, convencido de que time forte também precisa de mais agressividade no ataque. Tite merecia uma capa e nos recebeu com carinho em sua casa. Estava à vontade, nem tirou o chinelo quando explicava ao repórter Carlos Eduardo Freitas seus treinos na prancheta. Talvez eu tenha exagerado ao votar nele como o técnico dos 45 anos. Ou não. O tempo dirá.

Tite como ele é: de chinelo e prancheta na mão

CAPA © ALEXANDRE BATTIBUGLI ©1 CARLOS EDUARDO FREITAS

SEM PERDER A CABEÇA

Bruno Gassi, do Cruzeiro-RS, voa para deter uma das cobranças diretas do Inter, nas quartas de final do Gauchão. Apesar da boa exibição do goleiro, deu Colorado: 3 x 1 nos pênaltis

maio 2015

PLACAR

edição 1402

© EDISON VARA

A VOZ DA GALERA

Paulo Cesar M. Bianque
Sarutaiá (SP)

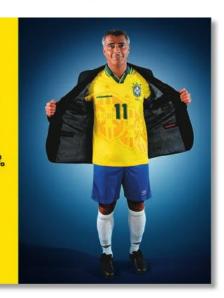
Escrevo para parabenizá-los pelo belíssimo Guia da Libertadores 2015. Ótima sincronização entre informações e artes gráficas, além da excelente tabela, com bons espaços para preencher os resultados.

Times sujos

A história mais recente da reportagem "Os times mais sujos do futebol brasileiro" tem 30 anos! Estão com medo de quê? Citaram dinheiro sujo do Bangu em 1985. E a parceria Corinthians/MSI em 2004? Nada? Um abraço a quem tem peito pra recebê-lo.
Ronaldo Francisco, ronaldofqs@hotmail.com

Ronaldo, o critério foi separar times que jogaram sujo em campo — o jogo do bicho só incrementou a menção ao Bangu, que estaria lá apenas pela entrada maldosa de Márcio Nunes em Zico. Se a lista incluísse as falcatruas fora das quatro linhas, não teríamos espaço suficiente para publicá-la.

Peixe e PLACAR

Gostaria de parabenizar a PLACAR pelos seus 45 anos e por nos proporcionar a brilhante entrevista realizada pelo repórter Breiller Pires com o genial Romário. Sou leitor da PLACAR desde o fim dos anos 80 e li e tenho absolutamente todos exemplares mensais e quase todos especiais desde outubro de 1994. Não tenho dúvida em afirmar que esta foi a mais brilhante e completa entrevista que fizeram nesse período. Simplesmente o maior gol de placa da PLACAR. Quase impossível encontrar em qualquer segmento alguém tão autêntico e absolutamente sem qualquer corporativismo como Romário. O mais genial de todos os tempos na grande área se transformou em referência na política, num momento em que o país tanto carece de líderes e referências positivas. Romário tem se demonstrado uma luz no fim do túnel. Parabéns, PLACAR!!! Parabéns, Breiller!!! Parabéns, Romário!!!
Ricardo Costa, Franca (SP)

FALE COM A GENTE

NA INTERNET www.placar.abril.com.br **ATENDIMENTO AO LEITOR** | **Por carta:** Avenida das Nações Unidas, 7221, 7º andar, CEP 05425-902, São Paulo (SP) | **Por e-mail:** placar.abril@atleitor.com.br | **Por fax:** (11) 3037-5597. As cartas podem ser editadas por razões de espaço ou clareza. Não publicamos cartas, faxes ou e-mails enviados sem identificação do leitor (nome completo, endereço ou telefone para contato). **EDIÇÕES ANTERIORES:** Venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca acrescido das despesas de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO:** Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens das publicações da revista PLACAR em livros, jornais, revistas e sites, acesse www.conteudo-expresso.com.br ou ligue para (11) 3089-8853. **TRABALHE CONOSCO:** www.abril.com.br/trabalheconosco

Come-Fogo

Acabei de ver a matéria sobre os clássicos de maior rivalidade do interior do Brasil (Tira-Teima, edição 1401) e tenho uma correção para fazer: os números de vitórias de Botafogo e Comercial, que foram colocados no gráfico, são o contrário do que está lá.

André Dutra,
dedadutra@bol.com.br

Tem razão, André. O gráfico correto está abaixo. São 61 vitórias do Botafogo e 49 do Comercial no tradicional clássico do interior paulista.

Corneta

Na vitória da seleção brasileira sobre o Chile por 1 x 0, o time do Dunga cometeu mais de 30 faltas. E mostrou que a seleção mudou para pior. Dunga taticamente continua o mesmo, com esquema manjado (joga atrás pra contra-atacar) e praticando o antijogo. Para quem achou que depois daquela aula de futebol ofensivo dada pela seleção alemã o nosso saudoso futebol fosse ressuscitar, com certeza com Dunga acabou de ser enterrado.

Jorge Luis Garcia Ferreira Garcia,
jlgfgarcia@hotmail.com

O mais macho

Quero deixar aqui minha satisfação em ler uma abordagem positiva sobre a atuação do presidente do Grêmio, Romildo Bolzan (Personagem do Mês, edição 1400). O texto foi muito verdadeiro sobre como o presidente está enfrentando dificuldades em colher simpatias. Um absurdo! A torcida é bacana, mas está um pouco azeda. Certamente é o mais macho e logo será o melhor presidente do Grêmio.

Michele Lins,
micalins@hotmail.com

Errata

PLACAR Edição Especial 45 anos — pág. 24

Diferentemente do publicado, a foto ao lado não foi tirada na final do Campeonato Carioca de 1974, mas na decisão por pênaltis do segundo turno do Estadual de 1977. O Vasco venceu o Flamengo por 5 x 4 e levou o título por antecipação — já havia conquistado o primeiro turno.

Tuitadas do mês

@LESSA_FELIPE_PR Edição de luxo da @placar, 45 anos. Tudo começou com a finesse de George Best.

@DedaDutra Hoje a @placar, da qual tenho a satisfação de ser leitor desde setembro de 1998, comemora 45 anos! Parabéns a todos!

@RomarioOnze Foi em uma entrevista à @placar que prometi pela 1ª vez fazer MIL gols. A partir daí a busca foi incansável. Minha obsessão sempre foi o gol.

@lucasdantas A entrevista do @RomarioOnze pra @placar tá coisa fina. Sério. Leiam. Golaço.

@leosacco Entrevista do @RomarioOnze para a @placar é concorrente de grande matéria do ano. O Baixinho é o cara, maior jogador brasileiro da historia.

@alexaraujo_75 A entrevista do Romário a @placar é boa, mas achei ele bem desrespeitoso com o Zagallo.

@filipeduarte88 Muito boa a entrevista do Romário para a @placar! Parabéns pela transcrição fiel, com palavrões e tudo!

@dahileonardo Essa edição especial dos 45 anos da @placar está simplesmente sensacional.

@Diogaum Engraçado foi assistir aos quatro gols de Gil pelo Juventus-SP e depois abrir a @placar e vê-lo como matéria da revista.

@Rafael_Souzas Kuki escalou o time dos sonhos dele na revista @placar e, acredite, escalou Douglas Santos na lateral esquerda.

@gabriel_rosa_ @placar triste a história dos jogadores africanos no Brasil...o ser humano merece mais respeito.

@bitencourt_caio A edição da @placar especial de 45 anos está tão boa e bonita que eu tô até com pena de ficar gastando a revista ao ficar folheando.

Cadeira cativa

HISTÓRIAS QUE SÓ O LEITOR CONTA

QUASE TROTE

Arthur Frota, de Sobral (CE), quis pregar uma peça no sobrinho flamenguista: ao saber que o irmão de Ronaldo Angelim estava na cidade, quis enganar o parente com o Angelim errado. "Quando a pessoa chegou, era o próprio Ronaldo Angelim que me recebeu dentro de sua casa." Tem uma boa história para contar? Mande para placar.abril@atleitor.com.br.

OLHA O NENA AÍ!

Torcedor xavante, Eduardo Luiz Avendano mandou um registro com o craque do Brasil de Pelotas (RS). "Esse é o Nena, cara que desbancou o Grêmio em plena Arena na vitória e que fez o gol no último minuto da partida contra o Flamengo, pela Copa do Brasil."

NÚMEROS DO MÊS

44

tuítes recebeu a equipe da PLACAR por ocasião dos 45 anos da revista, completados em março. Quase deu um por ano de publicação. Obrigado, pessoal!

1,4

mil curtidas teve a capa da edição de maio da PLACAR, com o Baixinho Romário, na página da revista no Facebook. A edição dos 45 anos também foi bem-recebida pelos leitores.

maio
2015

PERSONAGEM DO MÊS

Colorado selvagem

Em um momento de fúria, Fabrício Bombita xingou a própria torcida e jogou a camisa no gramado. Feio, mas também não deixa de ser admirável no politicamente correto mundo da bola ver alguém atirar o cinismo no chão

POR *Sérgio Xavier Filho*

O instante de fúria de Fabrício

Em *Relatos Selvagens*, a vingança é um prato fumegante e saboroso. O filme argentino não levantou o Oscar de melhor filme estrangeiro em 2014, da mesma forma que aquela seleção de 82 ficou na saudade. Azar da Copa, azar do Oscar. O fato é que o filme se tornou uma referência quando se fala de indignação, ódio e, claro, vingança. O diretor argentino Damian Szifrón abusa da ironia e do humor negro em seis historinhas independentes. Numa delas, não há como não se identificar. Um engenheiro entra em surto após ser trucidado pela burocracia do Detran portenho. E se vinga explodindo tudo. Hilário. O ator Ricardo Darín se torna assim "El Bombita".

Pois apareceu um "Bombita" no futebol brasileiro. O jogo pouco valia, em uma noite de Corinthians e São Paulo na Libertadores, poucos davam bola para uma partida atrasada do Gauchão. O Internacional jogava no 1º de abril contra o Ypiranga, no Beira-Rio. Mais uma vez, o lateral colorado Fabrício não estava bem. Ele, faz tempo, virou alvo da ira dos torcedores. Eram 16 minutos do segundo tempo, Fabrício se aproximava da lateral esquerda de ataque para tabelar com D'Alessandro. De repente, explodiu. Largou a bola, levantou os dois dedos médios para os torcedores. A torcida aumentou o tom da vaia. Era o lateral contra o povo. Fim de linha.

O juiz percebeu a gravidade da situação e tirou do bolso o cartão vermelho. Pela primeira vez na vida, Fabrício não se revoltava com uma expulsão. Sua reação foi

©1 FUTURA PRESS ©2 DIVULGAÇÃO

quase de agradecimento.

O jogo já não mais o interessava. Ele queria era brigar. As vaias dos últimos jogos pressionaram sua caixa craniana. O cérebro, apertado, já não comandava mais o corpo. Estava guiado pelo fígado, queria confusão. Fez menção de tirar a camisa, foi seguro pelos companheiros, mesmo assim conseguiu o intento. Tirou a camisa colorada e a jogou no chão. O capitão D'Alessandro, sempre tão seguro como líder, não sabia o que fazer. Não sabia se segurava o lateral ou tentava conter a arquibancada. Qualquer um dos atos era inútil. Todos queriam briga. Fabrício foi arrastado pelos colegas até o túnel. Conseguiu gritar para quem quisesse ouvir (ou fazer a fácil leitura labial): "Podem falar o que for que eu vou embora". Claro, tudo isso bem calibrado por palavrões. Com as mãos, desenhou um "vão vocês todos para bem longe".

Nunca se viu no Beira-Rio nada parecido. Fabrício Bombita explodiu. Não foi a primeira vez que aprontou desde que chegou ao Internacional, em 2011. Brigou com o treinador Dorival Júnior, com o juiz Marcelo de Lima Henrique, com adversários (Bruno César, do Palmeiras, e Diogo, do Juventude), com companheiros de time (Rafael Moura e Wilians).

Um histórico e tanto, mas nada como a noite de 1º de abril. É evidente que a confusão lhe rendeu a rescisão de contrato. Não poderia mesmo mais vestir a camisa que atirou no gramado. O ato é o equivalente inverso a beijar o escudo do novo time no dia da assinatura do contrato. Não há perdão possível no mundo do futebol.

Há, entretanto, uma outra forma de interpretar o dia de fúria de nosso Bombita. Que alívio ver que, de vez em quando, o cinismo pede para sair e dá lugar à sinceridade. Fabrício fez o que muitos queriam ter feito antes. Torcedores também conseguem ser extremamente chatos e inconvenientes quando querem. Vaiar um jogador do próprio clube antes mesmo que ele toque na bola é dose pra mamute. Não é fácil exercer uma profissão com gente urubuzando por perto. Imagine o médico que precisa acertar a incisão enquanto o operado vaia. Pense no chapeiro que frita o bife com o coro do salão "Uh, vai torrar, uh, vai torrar!"

Guiados pelo fígado: o colorado furioso e o personagem Bombita, de Ricardo Darín

O torcedor colorado tem todos os motivos para se sentir ofendido quando vê seu jogador atirar o manto sagrado ao chão. Mas não deixa de ser admirável constatar que nesse futebol tão anódino e falsamente bem-comportado alguém expresse exatamente o que está sentindo. Mesmo que o sentimento em questão não seja dos mais nobres, a sinceridade deveria sempre merecer algum aplauso. ☒

Milton Neves
AS HISTÓRIAS INCRÍVEIS, HILÁRIAS E 99,3% VERDADEIRAS DO NOSSO ESPORTE

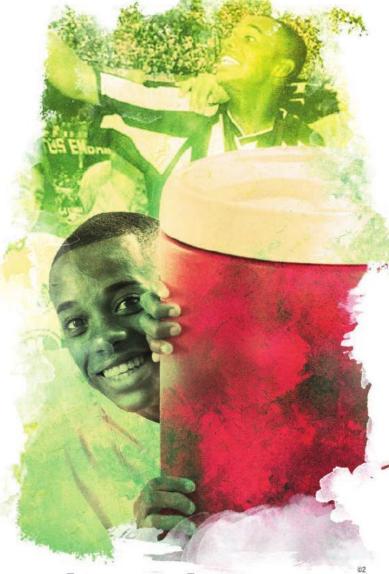
CAUSOS DO MILTÃO

Bicho preso

Em 1985, o zagueiro Toninho Carlos jogava no Bangu. Indicado por Pelé, foi para o Paris Saint-Germain. Toninho quase perdeu sua chance de jogar em Paris. "Era uma quinta-feira, as inscrições do Campeonato Francês se encerravam na sexta, e eu e o Pelé fomos atrás do presidente Castor de Andrade para que ele assinasse minha liberação." Até aí, tudo bem, só que, quando chegaram lá em Moça Bonita, o pessoal da secretaria informou que Castor tinha sido preso dias antes. Toninho e Pelé foram até a cela do bicheiro. O Rei ficou no carro. O delegado, rigoroso, não permitiu que o aflito Toninho Carlos fosse até o cárcere atrás do "autógrafo" de Castor de Andrade. Aí, não teve jeito: o ex-zagueiro foi até o carro e pediu que Pelé o salvasse. O Rei foi até o delegado, que, emocionado, autorizou Toninho a ir até a "suíte presidencial" de Castor. Ele assinou a liberação e ainda ofereceu almoço cinco estrelas para Toninho ao lado de outros presos. "Aquela cela era mais luxuosa do que a casa do Pelé", diz.

Castor de Andrade: só ele liberava o zagueiro

Por que Cai-Cai?

Morreu aos 77 anos Rosan, um goleiraço que, em 65 e 66, formou o maior Comercial de Ribeirão Preto da história. Um de seus colegas, Luiz Cai-Cai, não era o craque do time, mas a chave da vitória do treinador Alfredinho Sampaio. "Após a preleção, Alfredinho me chamava com a instrução dos locais onde eu devia cair de acordo com o cachê acertado com o árbitro. Quando a grana tinha sido X, eu caía na intermediária e a falta era marcada. Quando o cachê chegava em 5X, eu caía pertinho da área que era falta certa para o 'Bafo' cobrar. E quando era de 10X, era só cair na área que era pênalti". Ele arremata, rindo: "Ninguém no futebol caiu mais do que eu".

Cadê o cooler?

Ah, aquele sábado à tarde em Santos... Janeiro de 2002, eu comemorava com amigos meu novo programa de TV, o *Terceiro Tempo*, na Record. O local foi o "Último Gole", no Gonzaga. Papo vai, papo vem, em meio a muito chope e vinho, aparecem duas figuras. Um era um magrelo alto, o "Gigi da Praia", e o outro, um molequinho, negro, duas varetas finas como pernas, sorriso largo e tímido. Gigi queria que eu colocasse no *Terceiro Tempo* aquele menino porque se tratava do "novo Pelé". Era o Robinho! Paulo Morsa foi contra porque "magrelo desse jeito nunca vai conseguir chutar uma bola". Mas falei: "Gigi, leva o moleque lá domingo, mas sem cachê". "Você me dá um cooler da Brahma, Milton?", perguntou Robinho. Chega o domingo, *Terceiro Tempo* bombando. Gigi, aflito, fazia sinais da plateia apontando para Robinho. Entrou um break e fui negociar com Edu Zebini, o diretor. Ponderei que seria rápido, mas Edu não concordava. Tanto insisti, que capitulou: "Tá bom, mas só uns 3 minutos, porque esse moleque aí vai derrubar o ibope". Robinho ouviu e falou: "Esse aí vai ver, vou ser titular do Santos, vou ser campeão, vou para a seleção e depois vai implorar para eu vir aqui". E acertou: voltou umas dez vezes, sempre no cachê e exigindo dois coolers por programa.

A SUPREMACIA ALEMÃ

Acachapante. Uma palavra pouco usada, mas que define a superioridade da seleção alemã. Na foto, uma das estrelas do time: a ***BMW 325i***. Com uma estratégia que mescla velocidade e performance, esses alemães têm um verdadeiro celeiro de craques. São anos de treino e disciplina tática que culminam em uma equação que equilibra esportividade sem abrir mão da segurança. Com técnica de sobra, eles conquistaram o Brasil. De goleada, diga-se de passagem.

CP+B

É, a gente só sabe falar disso.

EDIÇÃO *Marcos Sergio Silva*

O país do futebol

Histórias que rolam por onde corre a bola

CAMPOS CERTOS POR LINHAS TORTAS

O ARGENTINO GUILLERMO MORDILLO apaixonou-se pelo futebol antes de descobrir o desenho. Torcedor do Ferro Carril, de Buenos Aires, optou por cartuns "mudos" por não dominar o idioma da terra que o acolheu no exílio, a França. No livro *Futebol & Cartuns*, ele reúne os gramados que criou, abusando das linhas curvas que tornaram seu traço inconfundível.

FUTEBOL & CARTUNS
Mordillo
Panda Books
132 páginas
R$ 69,90

REI LÉO

O homem que encontrou forças para superar uma expectativa de vida de apenas dois meses é, aos 30 anos, um dos eixos do tradicional Ríver, do Piauí

POR *Dimitrius Pulvirenti*

Léo Olinda: na apresentação e com os colegas de Ríver

O NOVO MEIA DO RÍVER DO PIAUÍ CARREGA NO ROSTO AS MARCAS DE SUA SUPERAÇÃO. Desde a primeira intervenção cirúrgica, aos 6 meses de idade, foram mais de dez operações na vida de Léo Olinda — e nenhuma delas relacionada ao futebol.

Durante seu parto, o cordão umbilical enrolou-se no rosto, que nasceu aberto, com traumas nos ossos da face: os médicos deram a Léo uma expectativa de dois meses de vida.

"As cirurgias nunca me atrapalharam, só me davam mais força para eu continuar com meu sonho", diz o meia, hoje com 30 anos, 360 meses a mais do que os médicos lhe davam.

Franzino, com 1,66 metro e 58 quilos, a carreira de Léo Olinda não foi comum: passou pelas categorias de base de clubes como o América de Pernambuco e o Recife e disputou campeonatos amadores antes de se profissionalizar tardiamente, aos 23 anos, pelo folclórico Ibis.

Pelo clube, cuja fama é a de pior do mundo, foi o artilheiro da segunda divisão pernambucana, quando sua carreira finalmente teve sequência: passou por Salgueiro (PE), ABC (RN) e Auto Esporte (PB) antes de ser contratado pelo Ríver, líder do Piauiense.

O preconceito, no entanto, ainda está presente na vida de Léo. Já foi insultado em uma partida por um adversário e, recentemente, alguns torcedores do Ríver ironizaram sua condição na página do clube no Facebook.

Uma minoria que Léo Olinda não leva em conta, graças à força que aprendeu na família: "O carinho que minha mãe e minhas avós tiveram comigo foi o mais importante. Sempre me trataram com igualdade e foi assim que me ensinaram a viver".

Ao alcançar a terceira década de vida, o meia tem mais três motivações para continuar superando os obstáculos: seus dois filhos e a esposa. "Fala dela: é mais uma mulher guerreira que entrou na minha vida e me deu as melhores coisas da minha vida."

POR *Milton Trajano*

BRUTALISMO CENTENÁRIO

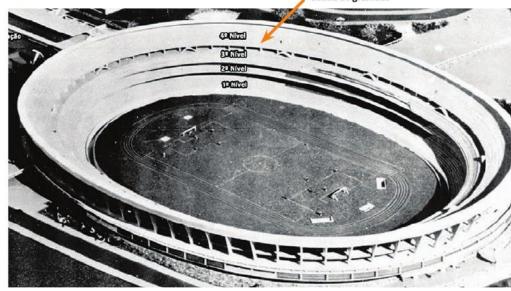
Os 100 anos do arquiteto que projetou o Morumbi em viagem além do concreto aparente dos estádios POR *Luciana Tamaki*

EM 1953, JOÃO BATISTA VILANOVA ARTIGAS venceu a concorrência para o "maior estádio privado do mundo", o Morumbi. Sua estrutura aparente de concreto armado (feito com barras de aço) seguiu o conceito do brutalismo – sem ornamentos que escondessem a estrutura.

Mais de 60 anos depois, o estilo do Morumbi é criticado pelos defensores das modernas arenas. Mas o visual do estádio Cícero Pompeu de Toledo é uma marca da chamada "escola paulista" ou "brutalismo paulista", uma das principais vertentes da história da arquitetura do Brasil. Entre seus discípulos está Paulo Mendes da Rocha (vencedor do Prêmio Pritzker de 2006, o principal da arquitetura internacional).

Vilanova Artigas completaria 100 anos em junho de 2015. Sua obra será reverenciada por meio de exposições retrospectivas, um documentário e um livro de sua filha, a historiadora Rosa Artigas. A celebração é também uma oportunidade de conhecer quem são os homens responsáveis pelos traços dos estádios históricos brasileiros, do Maracanã à Fonte Nova.

O projeto original do Morumbi: quatro anéis acima do gramado

O projeto original do escritório russo Antonov & Zolnerkevic

Estrutura Bruta

Morumbi – Estádio Cícero Pompeu de Toledo (São Paulo, 1953)

Arquiteto: João Batista Vilanova Artigas

O arquiteto foi escolhido em 1953, batendo dois projetos, um deles russo. A capacidade (120 000 pessoas) foi o ponto principal, mas o conceito do brutalismo também pesou: as estruturas transparentes significavam menor custo de manutenção.

Arquitetura das arquibas

Estádio Encaixado

Pacaembu – Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (São Paulo, 1938)

Arquitetos: Ricardo Severo e Dumont Villares

O estilo art déco, influenciado pelo Estádio Olímpico de Berlim, é marcado pelo rigor geométrico, ornamentação sem excessos e predominância de linhas verticais. As arquibancadas se encaixam nos taludes da região de vale.

Ferradura

Fonte Nova – Estádio Octávio Mangabeira (Salvador, 1942)

Arquiteto: Diógenes Rebouças

Foi uma das primeiras grandes obras de arquitetura modernista no Brasil. Também é inspirado no Estádio Olímpico de Berlim, mas mais integrado ao entorno – seu formato de ferradura aberto ao Dique de Tororó diminui o impacto visual e promove ventilação natural.

Gigante Democrático

Maracanã – Estádio Mário Filho (Rio de Janeiro, 1947)

Arquitetos: Pedro Paulo Bernardes Bastos, Antônio Dias Carneiro, Miguel Feldman, Waldir Ramos, Oscar Valdetaro, Raphael Galvão, Orlando Azevedo

Originalmente, o Maracanã tinha uma marquise de concreto, sem pilares aparentes para sustentação. Havia um projeto de Oscar Niemeyer, que foi rejeitado.

Entorno Modernista

Mineirão – Estádio Governador Magalhães Pinto (Belo Horizonte, 1965)

Arquitetos: Eduardo Mendes Guimarães Júnior e Gaspar Garreto

Sua estrutura e fachada, com 88 pórticos de concreto armado, se integra aos edifícios de Oscar Niemeyer ao redor da Lagoa da Pampulha, ícones do modernismo no Brasil. Os arquitetos buscaram a integração ao entorno da região.

CRAQUES NA VITRINE

Telê cumprimenta um gerente bancário com cabeça de bola. Falcão batiza uma chuteira especial para disputar peladas. Esportistas associam suas imagens a produtos, em campanhas que vão do apelo emocional ao trocadilho. Sim, isso já saiu na PLACAR

O ranzinza Telê topa conversar com o homem-bola, garoto propaganda do extinto banco mineiro

O rádio durava bastante, mas não tanto quanto Manga, que jogou até os 45 anos

Brigar com o chuveiro era um clássico dos anos 80. E o boxeador Maguilla dizia que tinha a solução com um trocadalho

O Falcão podia não jogar no seu time, mas o tênis da pelada até que era bonitão

Em 1982, Leão teve que ver a Copa pela TV. Telê preferiu Waldir Peres, Carlos e Paulo Sérgio

58 PÊNALTIS *foram cobrados na final da Copa Amizade de Futebol Amador do ABC paulista entre o Dínamo, de Mauá, e o Vila Junqueira, de Santo André. O Vila Junqueira levantou a taça, ao acertar 24 cobranças. A árbitra da partida, Regildênia de Holanda, usou frente e verso do cartão amarelo para não perder a conta. "Eu rezava para um errar e acabar logo. Estava todo mundo de saco cheio", diz Regildênia.*

E A PRESSÃO?

Os garotos de Arapongas, inspirados no Carrossel original, de 1974

CULTIVANDO LARANJINHAS

Holandês funde escolas de Cruyff e de Pelé e prega o futebol total em um time amador para garotos no interior do Paraná — POR **Ciro Câmara**

O AMOR UNIU DUAS DAS PRINCIPAIS ESCOLAS DO FUTEBOL. Desde 2007, um pouco do DNA brasileiro se funde ao holandês para germinar o Esporte Clube Laranja Mecânica. A semente passa por uma espremida no coração alaranjado do holandês Marco Plomp. Casado com a brasileira Eliza Plomp, natural de Arapongas, ele levou para a cidade a experiência com a base nos Países Baixos.

Integrantes do famoso Carrossel de 74, como o meio-campista Willy van de Kerkhof e o defensor Wim Jansen, já contribuíram com o Laranja Mecânica. A meta é formar jogadores de 9 a 16 anos e ter participação nos direitos econômicos das revelações. Em campo, a mentalidade é posse de bola, toques curtos e desenvolvimento individualizado. Fora dele, envolve estrutura de ponta, aulas de inglês e palestras sociais. Já são 80 frutos colhidos, muitos para fora do país. "Nosso título é levar um jogador ao profissional", diz Plomp.

Mas o futuro do projeto está em risco, já que a Fifa promete endurecer a atuação de agentes e clubes não profissionais. "É bom excluir os investidores. Mas como escolinhas e projetos como o nosso podem recuperar os investimentos sem porcentagem na revenda dos atletas?", indaga o holandês. A torcida em Arapongas é para que a laranja não azede em breve.

OS FRUTOS DOS LARANJAS

DIONATAN TEIXEIRA
ZAGUEIRO, 23 ANOS
Jogou pela seleção sub-21 da Eslováquia. Está no Stoke City-ING

BRUNO LOPES
ATACANTE, 19 ANOS
Joga pelo Criciúma. Multa rescisória é de 20 milhões de reais

MARCÃO
ZAGUEIRO, 18 ANOS
É do time sub-19 do Atlético-PR

RENAN MARTINS
VOLANTE, 17 ANOS
Foi promovido recentemente ao time profissional do Avaí

Os deslocados Geraldinos na área hoje mais cara do estádio

Geral na telona

Coube a dois "arquibaldos", os cineastas Pedro Asbeg e Renato Martins, registrar, em 2005, os últimos dez jogos da Geral do Maracanã em filme. Dez anos depois, estreia *Os Geraldinos*, que teve as primeiras exibições no festival "É Tudo Verdade", em abril, e deve ser transmitido pelo Canal Brasil ainda neste ano. "Quando soubemos que a Geral ia acabar, percebemos que a gente nunca havia visto um jogo lá", diz Asbeg. Parte da Geral, a área mais popular do estádio, virou o espaço Maracanã Mais. Na final da Copa do Brasil de 2013, o ingresso custou 800 reais.

©1 PORTAL DA VÁRZEA ©2 SERGIO RANALLI ©3 SERGIO SADE ©4 DIVULGAÇÃO

Um passo à fren

Apenas quatro meses depois de voltar a trabalhar como treinador, Tite põe em prática o que aprendeu em seu ano sabático e faz do Corinthians o time mais temido do Brasil

POR Carlos Eduardo Freitas FOTO Alexandre Battibugli

te

Com um caderninho, Tite tomou as lições de França x Alemanha (acima) na Copa

O anúncio de que não teria seu contrato com o Corinthians renovado no fim de 2013 frustrou Tite. O técnico do título da Libertadores e do Mundial em 2012 — os mais importantes da história do clube — não esconde: "Gostaria de ter continuado". Ainda que reconheça que o futebol da equipe — sem brilho e de poucos gols — nos últimos cinco meses daquele ano tenha decepcionado, ele lamenta não ter podido, junto à direção, reformular a equipe e continuar o trabalho.

"Era inevitável o ciclo terminar", admite, reconhecendo que os pouco mais de três anos à frente do Corinthians foram uma eternidade para os padrões no Brasil. "Não imaginava que ficaria tanto tempo assim num clube aqui, onde a média de permanência é de 17 partidas."

LIÇÕES SABÁTICAS

O que Tite já colocou em prática e o que ainda falta fazer

- ✓ Implantar o esquema tático 4-1-4-1
- ☐ Filmar treinos e jogos da equipe, para decupagem e análise posterior
- Abandonar o treino de fundamentos e cobrar decisões rápidas
- Fim dos rachões
- Trabalhar com os atletas que tem, sem forçar um esquema tático para o qual a maioria não está preparada

Passada a emocionante sequência de despedidas do clube do Parque São Jorge, no fim do Brasileiro de 2013, Tite tomou a incomum e improvável decisão para um treinador de seu nível: parar um ano. Queria passar mais tempo com a família e estudar futebol antes de voltar à ativa.

Em teoria, ele não precisava de nada disso. Ele tem um dos currículos mais vitoriosos do futebol brasileiro e já conquistou todos os títulos possíveis para um técnico no país. Levantou três Campeonatos Gaúchos — por Grêmio, Internacional e Caxias —, uma Copa do Brasil (Grêmio), uma Sul-Americana (Inter), além de um Paulista, um Brasileiro, uma Libertadores, uma Recopa e um Mundial, todos eles pelo Corinthians.

O gaúcho de Caxias do Sul poderia muito bem aceitar o convite de outro clube no Brasil e dar sequência a sua bem-sucedida carreira com outra camisa. Negativo. "Resolvi sair do olho do furacão para me observar do lado de fora", diz o técnico, entre um gole e outro em seu chimarrão, sentado no sofá de seu apartamento no Tatuapé (bairro da zona leste paulistana) com chinelo de dedo nos pés, poucas horas depois de comandar o Corinthians na maiúscula goleada por 4 x 0 sobre o Danúbio, pela quarta rodada da Copa Libertadores. A parada, na verdade, foi um passo à frente. Mais um do técnico em relação a seus colegas brasileiros.

O ano sabático de Tite teve duas finalidades. A primeira delas foi passar mais tempo com a família. "Aconselho todos os treinadores a fazerem isso. Se não der para parar um ano, uns seis meses já ajudam. Foi muito bom", diz Rose, a esposa do treinador há 30 anos, com um sorriso no rosto. A segunda, estudar futebol, ao lado da família, outra de suas paixões. Acompanhar a Copa do Mundo no Brasil, ao vivo, às vezes no estádio, foi mais um incentivo a tomar a decisão. "Foi uma oportunidade única de mergulhar de cabeça", conta.

Tudo o que viu e ouviu nesse ano, nos jogos da Copa, em partidas vistas na Europa e na América

do Sul, em conversas com treinadores de ponta do futebol mundial como o argentino Carlos Bianchi e o italiano Carlo Ancelotti, além de visitas a clubes como Arsenal-ING, Boca Juniors-ARG e Real Madrid-ESP, está por trás do bom desempenho do Corinthians em 2015. "No momento, nenhum técnico no Brasil está em seu nível. Ele estudou e se preparou para isso. Ele está um passo à frente em relação aos demais", afirma o tricampeão mundial pela seleção e comentarista Tostão.

Bobinho, sim; rachão, não: técnico aprofundou tomadas de decisão no lugar de treinos de fundamentos

Novidades dentro e fora de campo

A primeira lição desse ano sabático colocada em prática no Corinthians foi o esquema tático 4-1-4-1. Foi na vitória por 3 x 0 da França sobre a Ucrânia no Stade de France, pela repescagem europeia da Copa, que Tite começou a prestar atenção nesse sistema de jogo. "Fiquei impressionado com as transições rápidas e a criação de espaços pela mobilidade dos atletas", diz o técnico corintiano, que afirma ter apontado os Bleus como favoritos ao título mundial. Os franceses pararam na Alemanha, nas quartas de final, naquele que foi o jogo mais emblemático do torneio segundo ele. O motivo? Tanto Didier Deschamps como Joachim Löw usaram o mesmo esquema na partida. Um prato cheio para Tite, que pôde anotar, no caderninho em que dissecou cada uma das 64 partidas da Copa, como cada seleção se comportava no ataque e na defesa. Em seu computador, ele tem jogadas selecionadas dessa partida, com anotações no vídeo, as quais revê com frequência e que mostra para seus atletas sempre que necessário.

Nesse sistema de jogo, Tite destaca três situações recorrentes. Sem a pelota, dez jogadores ficam atrás da linha da bola. Apenas o centroavante — Guerrero, no caso — fica na frente para iniciar o contra-ataque como pivô, permitindo a chegada dos meias para eventuais rebotes. Quando recupera a bola na defesa, o time prioriza as triangulações pelos lados do campo. Se ataca pela direita, forma um triângulo com Fagner, Jadson e Elias mais centralizado, enquanto Emerson se junta a Guerrero dentro da área e Renato Augusto fica na entrada para o rebote, para onde também vai Elias após a

> *"RESOLVI SAIR DO OLHO DO FURACÃO PARA ME OBSERVAR DO LADO DE FORA."*
>
> **Tite,** sobre a decisão de tomar o ano de 2014 como sabático.

©1 RENATO PIZZUTTO ©2 AGÊNCIA CORINTHIANS

Ancelotti abriu o Real Madrid para Tite: intensidade dos treinamentos chamou atenção

triangulação pela direita. Enquanto isso, os três defensores e Ralf ficam fixos na defesa para evitar o contragolpe do adversário.

A importância de Jadson no esquema é essencial. "Ele é nosso pensador, articulador. Tem obrigações táticas, mas com muito mais liberdade", resume Tite, que comemora — e muito — a permanência dele. "Se o tivéssemos perdido, a estrutura da equipe seria outra."

Londres

Outra novidade do novo Corinthians de Tite vem do Arsenal. Em Londres, acompanhado de seu filho Matheus (hoje assistente técnico do Caxias), em fevereiro de 2014, teve a oportunidade de conhecer a estrutura da equipe comandada por Arsène Wenger. Ficou impressionado com o departamento de informática do clube. "Eles têm tudo filmado — treino e jogo — e fazem uma decupagem individual de cada atleta. Isso é passado para os auxiliares técnicos, que fazem a interação com os jogadores. Isso é sensacional", conta ele, que está ajudando a desenvolver um trabalho semelhante no Corinthians. "Ainda estamos começando, mas os jogadores adoram. Eles são receptivos e fica mais claro de entender o que precisam da posição e função que cada um exercem."

Buenos Aires

Terminado o Mundial, Tite resolveu dar sequência a seus estudos práticos. Em agosto, foi a Buenos Aires para assistir à final da Taça Libertadores, entre San Lorenzo e o Nacional paraguaio. Aproveitou a estada na capital argentina para almoçar com Carlos Bianchi, seu algoz nas oitavas de final da competição continental um ano antes. Do tetracampeão sul-americano e tri mundial, quis saber um pouco mais sobre sua interação com os atletas durante os jogos. De quebra, ouviu um elogio a respeito da concentração de seu time, mesmo em momentos adversos. "Em qualquer circunstância do jogo — perdendo, ganhando, com erro de arbitragem —, o time continua focado", disse o argentino. Um exemplo disso vem justamente dos 4 x 0 sobre

> "NENHUM TÉCNICO NO BRASIL ESTÁ EM SEU NÍVEL. ELE ESTÁ UM PASSO À FRENTE EM RELAÇÃO AOS DEMAIS."
>
> **Tostão,** tricampeão mundial pela seleção brasileira

©1 GETTY IMAGES ©2 RENATO PIZZUTTO

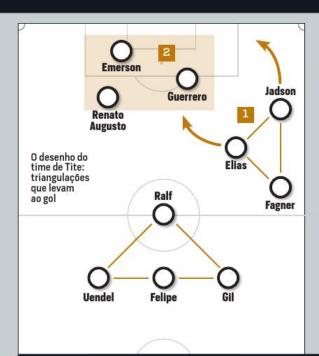
o Danúbio. Segundo Tite, um jogador uruguaio cuspiu duas vezes na cara de Fagner. Na sequência do lance, o próprio Fagner participou do lance de um gol. O mesmo aconteceu com Elias, que foi chamado de macaco por um adversário e, sem revidar, no lance seguinte participou do segundo gol corintiano. "Não pense que não tomei cusparada na cara, de sentir o hálito do cara. Limpei e saí jogando. Saber trabalhar a concentração é difícil, mas sempre falo que ser mentalmente forte é matar isso no peito, jogar muito e ganhar o jogo", diz Fagner. Essa mesma concentração faltou nos 5 x 3 contra o Penapolense, depois de o time abrir 5 x 0 de vantagem. "Baixamos a guarda. No vestiário, estava todo mundo com cara de bunda. Nem parecia que tínhamos vencido."

Madri

A última parada significativa de Tite foi em Madri. Por intermédio de seu empresário, Gilmar Veloz, o treinador conseguiu passar cinco dias ao lado de Carlo Ancelotti, técnico do Real Madrid, dono de três Ligas dos Campeões (a última, inclusive) e de títulos importantes em quatro países: Itália, Inglaterra, França e Espanha. Tite queria apenas acompanhar, na Ciudad Deportiva, os métodos de trabalho do italiano, além de conhecer a estrutura. "Sou um cara tímido, prefiro ficar na minha, apenas observando", conta. Mas Ancelotti insistiu. Levou o

Jadson: peça fundamental no esquema montado pelo treinador corintiano

COMO O CORINTHIANS JOGA

O desenho do time de Tite: triangulações que levam ao gol

PASSO 1: Formam-se dois triângulos: um pela direita, com o lateral, Elias e Jadson, que criam a jogada. O outro tem Guerrero como primeiro jogador fixo na área, Emerson, que se junta a ele na área, e Renato Augusto fazendo o primeiro homem de rebote.

PASSO 2: Terminada a triangulação pela direita, Elias se junta a ele na entrada da área. Segundo Tite, é de onde saem 90% dos gols. Com quatro homens ali, aumentam as chances de marcar. Atrás, Ralf dá segurança aos três homens da defesa para evitar um contra-ataque.

PELA ESQUERDA: Se o time ataca pela esquerda, repete-se a situação, com Emerson, Renato Augusto e Uendel pela esquerda, Elias no rebote e Jadson dentro da área atrás de Guerrero.

SEM A BOLA: O time fica com os nove jogadores atrás da linha da bola e apenas Guerrero à frente. O segundo gol do Corinthians contra o Danúbio mostra bem essa movimentação e o contra-ataque rápido pela direita, cheio de triangulações.

AULAS GRINGAS

O que Tite aprendeu vendo as equipes do exterior

Juventus de Fabio Capello (2004-2006)
Implantado no Al-Ain, dos Emirados Árabes

"EU PRECISAVA VER AQUELAS DUAS LINHAS DE QUATRO TRABALHANDO COM DOIS ATACANTES. COLOQUEI O QUE APRENDI EM PRÁTICA QUANDO FUI PARA OS EMIRADOS ÁRABES."

Espanha de Luis Aragonés e Vicente Del Bosque (2008-2012)
Implantado no Corinthians de 2011 a 2013

"ERA UM TIME DE TOQUE DE BOLA, MAIS CEREBRAL, QUE ATACAVA EM BLOCO."

França de Didier Deschamps (2013) - Implantado no Corinthians de 2015

"FIQUEI IMPRESSIONADO COM AS TRANSIÇÕES RÁPIDAS E A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS PELA MOBILIDADE DOS ATLETAS."

brasileiro a seu lado durante as atividades nos campos de treinamento e pôde ouvir, de perto, as considerações do colega. Chamou-lhe a atenção a intensidade dos treinamentos. Num deles, com o campo reduzido à metade e com nove atletas de cada lado, os jogadores eram testados a reagir com rapidez e sob constante pressão da marcação. "É muito contato físico, um nível de concentração, no campo reduzido, altíssimo", conta.

Dessa experiência, Tite tirou uma conclusão: agora não treina mais fundamentos com os atletas, mas sim a tomada de decisões. "São mil e uma informações que você precisa processar para tomar uma decisão na fração de segundo. Você treina isso. Passe, cabeceio, é na base", diz. Consequência direta disso, o Corinthians não faz mais rachões. "Sabe quantas vezes me pediram pra fazermos isso? Nenhuma. A descontração fica para o bobinho antes do trabalho. Acabou isso, é concentração e foco total no trabalho."

Outra imagem que não sai de sua cabeça dessa visita ao Real Madrid foi uma foto que viu no vestiário do Santiago Bernabéu. Nela está Cristiano Ronaldo com sua mais recente Bola de Ouro e todos os funcionários do clube, do cuidador da grama ao fisiologista, para quem o português também deu um relógio como forma de agradecimento. "Isso é emblemático. Coisa de quem sabe o quanto é desafiador trabalhar uma equipe, que sabe que por trás de uma equipe vencedora há uma construção."

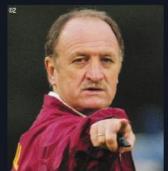
Outras inspirações

Exceção feita às conversas com os treinadores e a visita aos clubes, essa não foi a primeira vez que Tite estudou um esquema tático com profundidade para aplicar na prática. Ele conta que, em 2006, a Juventus de Fabio Capello, que tinha Nedved e

O ÚLTIMO DOS SUPERTÉCNICOS?

©2

©2

©3

Exceção feita a Tite, o Brasil vive hoje a maior crise de qualidade entre os treinadores em sua história. Dez anos atrás, Vanderlei Luxemburgo comandava o Real Madrid. Luiz Felipe Scolari, campeão do mundo e vice-campeão europeu, preparava-se para levar Portugal a sua melhor campanha numa Copa desde os tempos de Eusébio. Pouco depois, assumiria o Chelsea. Por aqui, Muricy Ramalho crescia na carreira e se preparava para conquistar o tricampeonato brasileiro pelo São Paulo, além da Libertadores pelo Santos. Chegou a ser convidado para assumir a seleção brasileira, o que não aconteceu, mesmo sendo uma unanimidade nacional, porque o Fluminense não o liberou.

Tite acreditava que seria convidado pela CBF no ano passado, depois da desastrosa campanha de Felipão no Mundial. "E merecia ter sido chamado. Ele estudou e se preparou para isso", diz Tostão, para quem os brasileiros pararam no tempo. "Houve uma evolução na maneira de jogar futebol nos últimos dez, 15 anos e, exceção feita ao Tite, os brasileiros não acompanharam."

Ironicamente, enquanto o São Paulo sofria para encontrar um substituto para Muricy no mercado nacional, Dunga, bastante questionado, faz o melhor início de trabalho pela seleção desde João Saldanha, em 1969, e é elogiado até no exterior. "A seleção brasileira está num bom caminho. Não somente para ajustar o que passou, mas também no resgate ao estilo de jogo que tanto gostamos de ver", disse o holandês Guus Hiddink.

Bianchi: treinador argentino elogiou a concentração corintiana

Ibrahimovic, o fez ir à Itália. "Eu precisava ver aquelas duas linhas de quatro trabalhando com dois atacantes. Coloquei o que aprendi em prática quando fui para os Emirados Árabes".

Depois disso, a seleção espanhola bicampeã europeia e campeã mundial foi outra inspiração, colocada em prática por Tite em 2012, ano dos dois principais títulos de sua carreira com o Corinthians. "Era um time de toque de bola, mais cerebral, que atacava em bloco", lembra. O sucesso daquela equipe inspirou o futebol brasileiro desde então. "Muitos técnicos passaram a imitar o que ele fez naquele time. O Cruzeiro bicampeão brasileiro jogava de um jeito muito parecido com o Corinthians que venceu a Libertadores", analisa Tostão.

Uma vez mais, Tite está um passo à frente de seus colegas e adversários. Ele sabe que o trabalho está começando e que há muito o que ser feito para que os frutos sejam colhidos. Não por acaso, só aceitou voltar ao Corinthians ganhando menos do que em 2013 porque o contrato é de três anos, algo raríssimo no Brasil. Os resultados surgiram logo nos primeiros meses do ano e o sorriso no rosto de Tite não esconde sua alegria de ver em prática o que trabalhou pesado no ano em que esteve longe do dia a dia do futebol. O time, ele faz questão de frisar, ainda não venceu nada. Mesmo assim, esse passo à frente em relação à concorrência tem tudo para levá-lo mais longe em sua carreira e torná-lo maior do que já é no Corinthians. ☒

©1 BEST PHOTO ©2 GETTY IMAGES ©3 RENATO PIZZUTTO

Abril no Rio
OURO
DE
TOLO

RIO 2016

A quase um ano da Olimpíada, seleção sub-23 chega sem rumo, com técnico desacreditado e desempenho pífio em competições de base. Dá para reverter a descrença até 2016?

POR Marco Bezzi

Alexandre Gallo está acuado. O ex-coordenador das categorias de base do Brasil e ainda comandante da esquadra olímpica brasileira vê seu cargo ruir publicamente desde aquele 17 de julho de 2014, quando, na apresentação de Gilmar Rinaldi (coordenador da seleção brasileira), teve seu trabalho qualificado como "de vanguarda".

De um ano para cá, a avaliação de Gallo dentro da CBF despencou. Não só seu maior defensor, o presidente da entidade, José Maria Marin, o criticou severamente após a quarta colocação no Sul-Americano sub-20, em fevereiro deste ano — insinuando sua saída —, como seus métodos, considerados ultrapassados pela alta cúpula do futebol brasileiro, o colocam cada vez mais próximo da UTI.

Marin depositou confiança em Gallo quando, antes da derrota de 7 x 1 da seleção principal para a Alemanha, na Copa, o então olheiro de Felipão aconselhou o técnico da seleção brasileira a não escalar Bernard. E foi só. Como coordenador, Gallo apostou em seu amigo Cláudio Caçapa, que nunca havia trabalhado com categorias de base, para treinar o sub-15 do Brasil. E concentrou toda a labuta de peneirar novos jogadores para a base brasileira em apenas um olheiro — só o time do Porto, por exemplo, tem 90 desses profissionais apenas em Portugal.

No início deste ano, Gallo perdeu o posto de coordenador, Caçapa caiu, e os problemas da base do futebol brasileiro se escancararam. Um resultado ruim na Copa do Mundo sub-20, que será disputada entre maio e junho na Nova Zelândia, pode sacramentar sua demissão.

A falta de planejamento da CBF aprofunda ainda mais o fosso na relação entre o técnico do time principal e o da sub-23. Em março, em duas datas Fifa, a seleção de Dunga e a olímpica jogaram quase ao mesmo tempo. No dia 26, o "primeiro quadro" venceu a França, em Paris, por 3 x 1. Um dia depois, uma seleção com jogadores diferentes bateu o Paraguai, em Cariacica (ES), por 4 x 1. Os dois times voltariam a jogar no domingo. De manhã, Dunga comandou a vitória por 1 x 0 sobre o Chile, em Londres. Os olímpicos de Gallo saíram vaiados à tarde, em São Luís (MA), após o empate sem gols com o México para um público em número medíocre.

Gabriel Paulista (à esq.) e Breno (de preto): exemplos de queimados na base no Brasil

Dunga ficou vendido, pois não conseguiu observar presencialmente os jogadores com que poderia contar numa próxima convocação — Anderson Talisca e Felipe Anderson, que tinham chance de estar na seleção principal, jogaram separados dos "veteranos".

Se o Brasil participará do torneio de futebol da Olimpíada do Rio, em 2016, não será por mérito de Gallo. Se dependesse do trabalho no Sul-Americano sub-20 do Uruguai, que serviu como pré-olímpico, o Brasil perderia a vaga para Argentina e Colômbia, as duas primeiras classificadas na competição. A seleção, quarta colocada, repetiria o fiasco dos times de 1992 e 2004, que passaram o vexame de não conseguir a vaga.

A sorte de Gallo é que o Brasil tem lugar assegurado por ser país-sede da competição. Sorte? Para o psicólogo do esporte João Ricardo Cozac, a obrigação da medalha de ouro pode superar a força e a técnica dos adversários, como a já classificada Argentina. Se para os brasileiros é impossível esquecer o choro de Thiago Silva que marcou o time da Copa, no próximo ano, com atletas ainda mais jovens, o baque pode ser mais dolorido. Cozac aponta a falta de uma base psicológica fornecida pela CBF como um dos grandes erros da preparação olímpica. "Esses meninos estarão jogando com a obrigação da medalha de ouro em dos eventos mais importantes do planeta." A CBF conta com trabalhos esporádicos de profissionais do tipo. Na Copa de 2014, a psicóloga Regina Brandão foi convocada depois do jogo contra o Chile e foi criticada por expôr a delicada situação emocional da equipe.

E engana-se quem imagina que os três jogadores com mais de 23 anos podem reverberar o fantasma da Copa do Mundo no novo grupo. A trupe dos veteranos passou por uma decepção e aprendeu uma lição. Para Cozac, entretanto, a posição do goleiro é a que mais pesa. "Tudo começa no gol. Uma falha desse atleta pode significar a conquista da medalha de ouro."

O problema é mais embaixo

Gallo errou ao não formar nem um time competitivo e tampouco com potencial para revelar futuros craques. Técnico campeão brasileiro, paulista e da Copa São Paulo pelo sub-20 do Corinthians, Osmar Loss diz que uma das maiores dificuldades para a criação de novos craques no Brasil está na ânsia de se

Lulinha e a derrocada no Pan

"Sentimos a pressão de jogar em casa", diz ex-revelação

O dia 21 de julho de 2007 é uma data inesquecível para Luiz Marcelo Morais dos Reis, o Lulinha. Na época com 17 anos, a revelação do Corinthians enfrentava no Maracanã a seleção do Equador pela primeira fase do Pan-Americano do Rio de Janeiro.

O revés de 4 x 2 desclassificou o Brasil em sua própria casa e Lulinha, que havia feito três gols contra Honduras, saiu de campo chorando e sem conseguir falar. "Pagamos o preço de jogar com uma seleção sub-17 quando todos jogavam com suas seleções sub-20", diz o atacante, que hoje tenta retomar a carreira no Red Bull Brasil, de São Paulo. "Fomos muito vaiados, choramos nos vestiários. Sofremos com aquela derrota e sentimos a pressão de ganhar em casa, assim como a seleção olímpica vai sentir."

Pretendido por Chelsea e Barcelona na época, Lulinha conta que a seleção sub-17, ainda inexperiente, acabou entrando na empolgação da torcida brasileira após duas vitórias. "E a torcida no Brasil é assim. Se o time joga bem, apoia; se joga mal, vaia bastante."

©1 GETTY IMAGES ©2 AFP ©3 DARYAN DORNELLES

construírem garotos campeões em vez de bons jogadores. “Desde os 12 anos esses meninos estão aprendendo a jogar taticamente, quando deveriam aprimorar os fundamentos pelo menos até os 16 anos. Apesar dos títulos, se tivesse de escolher entre ser campeão e promover cinco jogadores para o profissional, escolheria a promoção desses garotos.”

O rolo compressor da obsessão pela medalha de ouro, por exemplo, por pouco não queimou grandes gerações de jogadores. Dois campeões mundiais em 2002 sofreram nas Olimpíadas de 1996 e 2000 a cobrança: Rivaldo, considerado um dos culpados pela eliminação para a Nigéria, em Atlanta (EUA), e Ronaldinho Gaúcho, um dos acusados de apatia na queda para Camarões em Sydney (Austrália). Lulinha foi alvo da fúria por resultados no Pan de 2007, no Rio (veja abaixo). Outras seleções, que não convivem com essa pressão, puderam formar gerações vencedoras, que conquistariam Copas do Mundo. A Alemanha, bronze em 1988, em Seul (Coreia do Sul), revelou Klinsmann. A Itália, terceira colocada em 2004, em Pequim (China), tinha Pirlo. E a Espanha, prata em 2000, revelou Xavi.

Essa pressão se aprofunda na formação de atletas nos clubes, onde não há uma política de base e a troca de técnicos é constante. “É difícil ter um diálogo com a equipe de cima se o técnico é sempre trocado. Muito mais quando se espera que o jogador caseiro sempre seja um craque. Melhor trabalhar um jogador médio da casa, que pode render futuramente, do que contratar alguém com um salário alto”, diz Loss.

Exemplo desse descaso, o lateral-esquerdo Breno, 20 anos, nome constante nas convocações das categorias de base das seleções brasileiras, foi dispensado por Felipão do Grêmio. O técnico preferiu contar com o veterano Marcelo Oliveira, vindo do Palmeiras. Em duas semanas no Vitória de Guimarães, Breno virou opção constante do técnico Rui Vitória. O time ocupa a quinta colocação do Português. O Brasil perdeu Diego Costa para a Espanha numa manobra parecida, em 2013.

“No Brasil não se corrige o jogador na base. Em vez de treinar uma deficiência, opta-se por dispensar o moleque. Mais do que isso, não existem centros de excelência espalhados em todo o país, como na Alemanha”, diz o empresário de jogadores Hugo Martorell, que contratou como olheiro o experiente espanhol José Luis Albiol, 60, ex-jogador do Valencia (ESP) e ex-técnico da base do mesmo clube espanhol. Albiol viaja o mundo à procura de craques, que necessariamente não serão novos “Neymares”. Antes da entrevista, estava acompanhando no estádio em Benidorm, na Espanha, o empate em 1 x 1 da seleção local com a França, pelas Eliminatórias do Europeu sub-17. “O Brasil tem o talento espalhado pelos quatro cantos do país, mas está com dificuldades para lapidar seus jogadores.”

©1

Martorell dá o exemplo de Gabriel Paulista, ex-lateral do Vitória, que jogou duas temporadas no Villarreal (ESP) e foi contratado recentemente pelo Arsenal: “Gabriel me disse que não podia jogar em alto nível no Brasil. A formação na Espanha é muito diferente. Por isso dou preferência por levar meus jogadores à Europa, onde o atleta vai amadurecer mais rápido”.

OS 18 PROVÁVEIS

Mescle as últimas convocações do técnico Gallo e seu discurso de que deve fortalecer o gol, o meio e o ataque com jogadores mais experientes e você chegará a 18 jogadores que saem na frente para vestir a amarelinha nos Jogos Olímpicos. O zagueiro Thiago Silva, do PSG, joga por fora. Vale lembrar que Gallo conta em sua lista com 32 jogadores convocáveis.

©3

Jefferson: segurança em primeiro lugar

Jefferson*
Goleiro – Botafogo

Fabinho
Lateral – Monaco-FRA

Cláudio Winck
Lateral – Internacional

Marquinhos
Zagueiro – PSG-FRA

Wallace
Zagueiro – Monaco-FRA

Dória
Zagueiro - São Paulo

Rodrigo Ely
Zagueiro – Avellino-ITA

Wendell
Lateral - Bayer Leverkusen-ALE

Lucas Silva
Meio-campo - R. Madrid-ESP

Rodrigo Caio
Meio-campo – São Paulo

Oscar*
Meio-campo – Chelsea-ING

Anderson Talisca
Meio-campo – Benfica-POR

Rafinha Alcântara
Meio-campo – Barcelona-ESP

Fred
Meio-campo – Shakhtar D.-UCR

Alisson
Atacante – Cruzeiro

Felipe Anderson
Atacante – Lazio-ITA

Vinícius Araújo
Atacante – St. de Liège-BEL

Neymar*
Atacante – Barcelona-ESP

*ACIMA DE 23 ANOS

NÃO CHORE MAIS

***Cristian Rodríguez**, o Cebolla, chega para ser a referência técnica de um Grêmio combalido por dispensas. E quer continuar a coleção de taças que junta desde o Peñarol*

POR Frederico Langeloh

©FOTO EDISON VARA

Cristian Rodríguez tem quase tantas tatuagens espalhadas pelo corpo quanto taças que levantou ao longo de 13 temporadas como profissional: são 13 desenhos e 17 títulos. E foi justamente esse DNA de campeão que o Grêmio buscou quando resolveu investir as suas poucas fichas em um reforço de peso para o time de Luiz Felipe Scolari.

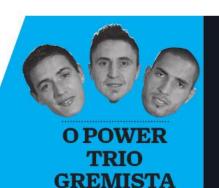
A coleção de troféus de "Cebolla" Rodríguez teve início em 2003, no Peñarol, seu clube do coração e cuja bandeira está tatuada na lateral esquerda do dorso do meio-campista — junto com o mapa do Uruguai, o sol símbolo do país, um cavalo, um gaúcho tomando seu mate e uma bola de futebol, todas as paixões do *charrúa*. A conquista mais recente foi a Supercopa da Espanha, com o Atlético de Madri, de Diego Simeone, talvez a equipe com a alma mais sul-americana da Europa.

Cebolla tem contrato com os madrilenhos por mais um ano. Está cedido ao tricolor até julho, mas o Grêmio já se move a fim de conquistar o coração de Cristian, convencê-lo a permanecer perto de casa por muito mais tempo e tomá-lo do Vicente Calderón. "O Grêmio estava precisando dessa repercussão mundial de novo", afirma o diretor-executivo de futebol do tricolor, Rui Costa. "Perdemos nomes importantes para 2015, como Riveros e Zé Roberto, porque não tínhamos como pagá-los. Cristian era a peça que faltava para mostrarmos ao nosso torcedor que não estamos apequenando o clube. Foi uma contratação para dar o seguinte recado aos gremistas: o Grêmio voltou", acrescenta Costa.

Para fazer com que o camisa 7 da seleção uruguaia na Copa do Mundo retornasse à América do Sul, após dez anos de Europa, o Grêmio recorreu a Felipão — o Cruzeiro também havia demonstrado interesse e era preciso uma manobra urgente para assegurar a contratação. Cristian Rodríguez se consagrou no Porto no mesmo período em que o técnico era incensado como comandante da seleção portuguesa. Cebolla estava retornando ao Atlético de Madrid, depois de uma temporada sem brilho no falido Parma. A bancarrota do clube italiano facilitou a liberação do 31º uruguaio da história do Grêmio. A tacada final foi dada pelo próprio Felipão. O técnico, que classificou o jogador como um reforço "extraor-

"CRISTIAN ERA A PEÇA QUE FALTAVA PARA MOSTRAR QUE NÃO ESTAMOS APEQUENANDO O CLUBE."

Rui Costa, diretor-executivo de futebol do Grêmio, sobre a chegada do uruguaio

O POWER TRIO GREMISTA

Se nos Estados Unidos Ramones é uma das grandes marcas do rock, na Arena há os Rodríguez. São três ao mesmo tempo no elenco de Felipão. Todos gringos. Além de Cristian, o Grêmio conta com Braian (atacante uruguaio, contratado do Numancia, da Espanha) e com Matías Rodríguez (lateral-direito argentino, contratado da Sampdoria). Todos com acento no I e com Z no final do nome. De novo, o Grêmio atacou com o seu marketing para promover o seu trio. Com a campanha nas redes sociais #RodriguezEmPOA, o clube pedia aos torcedores que postassem dicas com os lugares mais legais de Porto Alegre, a fim de apresentá-los ao trio. "O Grêmio tem uma cultura muito forte de jogadores estrangeiros. O gremista gosta de atletas que venham de fora para ajudar o clube. E isso foi provado uma vez mais com a presença dos nossos novos estrangeiros", afirma Beto Carvalho.

Sem lugar no Atlético de Madri, Cebolla migrou para o Parma. Mas os problemas financeiros do clube italiano o mandaram para o Rio Grande

CEBOLLA E CEBOLA

EVERTON

O Grêmio tem cebola em espanhol e em português. O apelido de Cristian, o Cebolla gringo, foi herdado da família. "Meu pai [Carlos Alberto Rodríguez] era chamado assim desde a infância. Era bom de bola, mas não chegou a ser profissional. Acabei ficando com o mesmo nome. Gosto de ser chamado assim. Sempre me deu sorte", diz o Cebolla gremista. Já o atacante cearense Everton, de 18 anos, uma das apostas de Felipão para a temporada, ganhou o apelido antes mesmo de o tricolor sonhar com Cristian. Ainda na base, em um dos vários treinos no ano passado contra o time de cima, o lateral Pará [hoje no Flamengo] colocou o novo sobrenome no garoto. "Pará me chamava de Cebola e de Cebolinha, por causa da minha cabeça. Agora temos dois cebolas."

TÍTULOS ACEBOLADOS

O uruguaio coleciona 17 títulos de expressão em seu currículo. O Grêmio procura alguém que o recoloque na rotina dos grandes títulos, que não vêm desde a Copa do Brasil de 2001.

PEÑAROL
2003
Camp. Uruguaio

PSG
2005/06
Copa da França

PORTO
2008/09
Camp. Português, Taça de Portugal e Supertaça de Portugal
2009/10
Taça de Portugal e Supertaça de Portugal
2010/11
Camp. Português, Taça de Portugal, Supertaça de Portugal e Liga Europa
2011/12
Camp. Português

SELEÇÃO URUGUAIA
2011 Copa América

ATLÉTICO DE MADRID
2012
Supercopa da Europa
2012/13
Copa do Rei
2013/14
Camp. Espanhol
2014
Supercopa da Espanha

dinário", telefonou para o meia a fim de convencê-lo a morar em Porto Alegre. Deu certo. Uma semana depois, Cristian Rodríguez era recepcionado por centenas de torcedores no Aeroporto Salgado Filho e, na Arena, recebia a icônica camisa 7 gremista, consagrada por Renato Portaluppi.

"Felipão foi muito importante para minha chegada ao Grêmio. É um técnico de grande carisma, daqueles que deixam qualquer jogador seguro para atuar. Também estou encantado com o carinho da torcida. Fui muito bem recebido, me fizeram sentir em casa. E, principalmente, pude matar a saudade do mate diário", brinca Cristian Rodríguez, ao destacar a parceria que volta a ter para sorver chimarrão antes e depois dos treinos. "Somos todos gaúchos, temos uma cultura parecida e estou perto de casa."

A escolha de Cristian por Porto Alegre também teve um segundo componente: a Copa América, no Chile. Titular da Celeste no Mundial do ano passado, ele desejava atuar por um clube no qual certamente seria titular — não deveria ter muitas oportunidades no Atlético de Madri. "A opção pelo Grêmio também foi pensando na Copa América [o Uruguai estreará em 13 de junho, contra a Jamaica, em Antofagasta, no Grupo da Morte, que ainda tem Argentina e Paraguai]. O Grêmio é um clube muito grande, com uma legião de torcedores. Além disto, queria jogar e não tive muitos minutos. E a situação do Parma era ruim, pois eles não pagavam", diz Cristian.

Curiosamente, dentro de campo vestindo azul, preto e branco, Cristian Rodríguez teve um início acidentado. Estreou em 14 de março, no Gauchão, diante do Cruzeiro de Porto Alegre. Teve boa atuação nos 60 minutos em campo. O Tricolor venceu por 1 x 0 e, graças a Cebolla Rodríguez, a Arena bateu o seu recorde até então na temporada: 25 000 torcedores. Público de Brasileiro no Estadual.

Em seguida, porém, vieram dois reveses. O primeiro, uma lesão muscular de grau 1, no reto-anterior da coxa direita. O segundo, uma suspensão. Na Itália. Expulso em sua última partida pelo Parma, contra o Atalanta, ele foi sancionado com quatro jogos. O problema é que a pena desembarcou no Brasil com o meia. O Grêmio não conseguiu revertê-la. Cristian ficará fora de quatro partidas nacionais,

©1 EDISON VARA ©2 GETTY IMAGES

cumprindo-as na Copa do Brasil e no Brasileirão.

"Cristian e Grêmio se completarão. Um precisava do outro. Cristian precisa jogar e, no Parma, não estava conseguindo. Quando ele tiver uma boa sequência, o Grêmio contará com um jogador tipicamente uruguaio: dono de força, potência, garra e com atitude a cada jogada. Cristian sabe o que o torcedor deseja e dará isso aos gremistas. E o futebol brasileiro será bom para ele. Terá um grande desafio pela frente", afirma o repórter do jornal *El País*, de Montevidéu, Juan Pablo Romero.

Mas nada disso diminui o entusiasmo da torcida por Cebolla. Logo em sua chegada, a Hamburgueria 1903 (uma rede de lanchonetes franqueadas pelo Grêmio) trocou por alguns dias o nome de suas tradicionais onion rings (os anéis de cebola fritos) para "Cebolla Rodríguez", em homenagem ao novo contratado. "Foi uma maneira que encontramos de incentivar a chegada do Cristian e de começar a realizar ações promocionais com ele", conta o diretor de marketing do tricolor, Beto Carvalho. "O torcedor gremista queria reforços de peso, como o Cristian. O faturamento nas lojas dobrou em março. Muito por causa desse novo entusiasmo da torcida", ressalta. "Achei muito divertido batizar um prato da nossa lanchonete. Foi uma boa homenagem", diz Cristian.

Adaptado ao estilo de vida porto-alegrense, Cristian já parece estar. Acostumado às lides campeiras

"O RIO GRANDE DO SUL E O URUGUAI SÃO PARECIDOS, O QUE FACILITA A ADAPTAÇÃO DOS URUGUAIOS."

Ancheta, Bola de Ouro da PLACAR de 1973 e um dos uruguaios históricos do Grêmio

(ele tem uma fazenda na região de Colonia, no interior do Uruguai), o meia marcou presença no Rodeio de Porto Alegre, um dos eventos em comemoração aos 243 anos da capital gaúcha. E cumpriu à risca o dress code do evento: boina campeira, bombacha, alpargatas e faca na guaiaca (uma espécie de cinto de utilidades, feito de couro, e que compõe a vestimenta do gaúcho rural). "Estou certo de que Cebolla terá sucesso em Porto Alegre. É um jogador com grande entrega. E acho que estava com saudade desse contato com as pessoas, com as coisas simples da terra, como andar a cavalo, uma de suas paixões. São coisas que o tocam. E isso também poderá ajudar o Grêmio a ter um Cebolla 100% focado no time", aposta o jornalista Jorge Savia, da editoria de esportes do uruguaio *El País*.

Dono da primeira Bola de Ouro da PLACAR, em 1973 — ao lado do goleiro argentino Cejas, então no Santos, na única vez em que o prêmio foi dividido —, Atílio Genaro Ancheta foi um dos maiores zagueiros da história do Grêmio. Um mito em Porto Alegre até os dias de hoje. E, assim como Cristian e De León, o capitão gremista uruguaio no Mundial de 1983. "Em termos de futebol, o Rio Grande do Sul e o Uruguai são muito parecidos, o que facilita a adaptação dos uruguaios a Porto Alegre. Além disso, o jogador uruguaio sempre se entrega em campo, o que cria uma grande empatia com a arquibancada. Sempre fica a ilusão de ter esse sangue de Libertadores no time", diz Ancheta. Para o xerifão, Cebolla poderá ser um dos grandes nomes do Brasileirão: "Cristian é um atleta diferenciado. Tem boa técnica, muita garra e muita força para chegar à frente. E o Grêmio é um clube afeito a estrangeiros. Ele se dará bem no clube".

Criado na rivalidade Peñarol x Nacional, Cristian aguarda pelo seu primeiro Grenal. E também demonstra curiosidade pelo Brasileirão. Para quem já encarou monstros como Cristiano Ronaldo, Messi e Iniesta, os maiores jogadores contra quem atuou, segundo ele mesmo, o campeonato nacional não parece colocar nenhum temor. Ainda assim, Cristian espera a chegada de maio. "Quero muito enfrentar esses desafios no Campeonato Brasileiro. Jogar contra clubes como Cruzeiro e São Paulo, entre outros, será espetacular. Mas quero muito vivenciar o Grenal."

Cristian Rodríguez, eliminado na Copa com a Celeste no Maracanã, tem o mesmo DNA uruguaio de Ancheta (abaixo, à esq.) e De León

©1 GETTY IMAGES ©2 PEDRO MARTINELLI

NOVAS ARENAS, GRANDES MICOS

FALTA DE PÚBLICO, OBRAS INACABADAS, CONTAS QUE NÃO FECHAM... UM ANO DEPOIS DA COPA, O BRASIL DISCUTE A VIABILIDADE DE SEUS MODERNOS ESTÁDIOS

POR Dimitrius Pulvirenti *ILUSTRAÇÃO* Stefan

urante 74 anos, o estádio dos Aflitos foi o centro do bairro do Recife que o abriga e lhe dá nome. Foi em maio de 2013, contra o Sporting, de Portugal, que o Náutico iniciou uma nova era: mudou-se para São Lourenço da Mata, região metropolitana do Recife. A 40 minutos dos Aflitos, em meio à mata, surge a Arena Pernambuco, o moderno estádio que abrigou cinco partidas da Copa de 2014. Para convencer o Timbu, repetiu-se a narrativa padrão: novas arenas, mais conforto, mais público, mais receitas.

Em 2012, último ano nos Aflitos, a média de público foi de 12 894 pessoas, a sétima maior da série A, com ocupação de 65% dos lugares, a segunda melhor do campeonato. Em 2014, o time pernambucano fez campanha fraca na série B e levou, em média, 6 000 pessoas à sua nova casa — ocupação de 15%. Náutico x Piauí, pela Copa do Nordeste deste ano, disputado às 22h, atraiu apenas 638 torcedores ao moderno estádio.

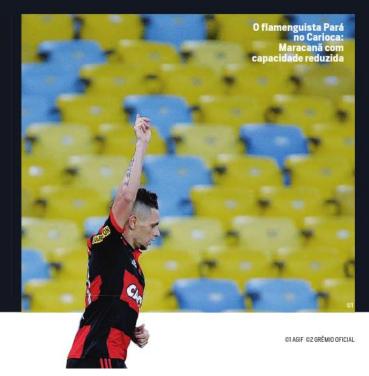
Com as novas arenas, os torcedores estão mais próximos do jogo que corre e a qualidade dos gramados é inquestionável. Mas, por trás das aparências e muito além dos elefantes brancos, os novos estádios de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife não são a beleza que vendem. Eles sofrem com falta de planejamento, problemas financeiros, autoridades anacrônicas e obras inacabadas. A viabilidade da maioria deles é questionada. E resolver essa equação soa mais complicado do que a cobrança para que os campos ficassem prontos até a Copa de 2014.

Sport x Náutico na Arena Pernambuco: estádio vazio, estação de metrô lotada

Contas que não fecham

Em 2013, o o balanço do consórcio que administra o complexo do Maracanã acusou prejuízo total de 40 milhões de reais. O déficit era esperado pela concessionária, mas não nessa escala.
Para diminuir o rombo, o Consórcio Maracanã investiu em shows e eventos corporativos e, principalmente, cortou gastos: para as partidas entre grandes e pequenos no Estadual deste ano, a capacidade do estádio foi diminuída para 30 000 espectadores e a iluminação foi cortada em 50% — apenas os clássicos têm a carga total. O setor Leste, conhecido pela rampa do Bellini, só foi aberto nos clássicos. "No passado, o contribuinte cobria essas despesas e o torcedor sofria com a deterioração", diz Marcelo Frazão, diretor de marketing do Consórcio Maracanã.
O cenário novo é a presença de entes privados. O objetivo, claro, é o lucro. Para administrar um dos principais estádios do mundo, o Consórcio Maracanã paga 5,5 milhões de reais por ano ao governo do Rio.
O oposto ocorre na Arena Pernambuco. O governo pernambucano é

O flamenguista Pará no Carioca: Maracanã com capacidade reduzida

©1 AGIF ©2 GRÊMIO OFICIAL

CONTRATOS ESTRANHOS

Em 2012, o Grêmio inaugurou sua arena em parceria com a construtora OAS. Desde 2008, quando assinou o contrato, três aditivos foram assinados, além de um polêmico documento adicional.

Em 2010 e 2011, dois aditivos trataram de adequações ao projeto e divisão dos lucros entre o Grêmio e a construtora OAS, principalmente devido ao aumento de custos da obra. Em 2012, clube e OAS assinaram o polêmico contrato de cessão onerosa: em torno de 28 000 sócios gremistas que tinham direito ao uso de cadeiras no Olímpico permaneceriam com esse direito na Arena, mas, em troca, o clube gremista deveria repassar 41,2 milhões de reais por ano à parceira. A ideia era que esse dinheiro retornasse ao caixa do clube, uma vez que o Grêmio tem direito a 65% do lucro líquido anual. No primeiro ano de operação, entretanto, o empreendimento teve prejuízo de 42 milhões.

Com o retorno de Fábio Koff à presidência, em 2013, uma série de estudos encomendados pelo clube concluiu que o início das operações da Arena representaria menos receitas e mais despesas. A alteração de valores previstos em despesas administrativas, realização de jogos, juros e financiamentos do estádio modificaram o cenário. Da forma como o acordo estava posto, a Arena seria superavitária, mas à custa da fragilização das contas gremistas.

O Grêmio e nova Arena: disputa constante com a construtora

Após meses de negociação, Grêmio e OAS assinaram o terceiro aditivo, que diminuiu o repasse à construtora para os atuais 18 milhões — uma economia de até 315,8 milhões de reais durante os 20 anos da parceria em relação ao contrato de cessão onerosa. "O que o Grêmio conseguiu foi aumentar a arrecadação social", afirma Adalberto Preis, vice-presidente do Conselho de Administração e um dos encarregados por Koff para reavaliar a parceria. Com o contrato anterior, o quadro social do Grêmio seria prejudicado: o repasse pela migração dos sócios do Olímpico para a Arena representava 80% da arrecadação anual com as mensalidades. Além disso, novos sócios não teriam direito a assentos na Arena. A modificação, mesmo assim, não foi suficiente e Grêmio e OAS negociam a compra da gestão da arena.

A aquisição chegou a ser fechada, mas o envolvimento da construtora na operação Lava Jato da Polícia Federal evitou a assinatura e mudou o cenário: com suas finanças abaladas, a OAS entrou na Justiça com um pedido de recuperação judicial. A empresa colocou à venda sua participação na Arena das Dunas, em Natal, e na Arena Fonte Nova, em Salvador, mas não a gestão da Arena do Grêmio.

A WTorre, construtora do estádio do Palmeiras, também precisa recuperar os mais de 660 milhões de reais investidos no Allianz Parque, mas sua aposta é em shows. Paul McCartney realizou o primeiro espetáculo do estádio. Nesses eventos, quem lucra é a construtura: o Palmeiras fica apenas com 5% do lucro.

Pelo acordo firmado, a única receita a que o Palmeiras tem direito em sua totalidade é a bilheteria de seus jogos. O restante obedece a uma divisão estipulada em contrato: a construtora tem direito a 95% de todas as outras receitas nos primeiros cinco anos, número que diminui a cada cinco anos até o 30º ano do acordo, quando o Palmeiras passa a receber todas as receitas. A disputa pelas propriedades do estádio vai além: WTorre e clube estão no meio de uma discussão na Câmara Fundação Getúlio Vargas de Conciliação e Arbitragem sobre o direito de venda das cadeiras: segundo o clube, a minuta do contrato limita a 10 000 o número de assentos que a WTorre pode comercializar.

obrigado a garantir ao consórcio o lucro previsto (em 2014, esses repasses superaram os 90 milhões de reais), além de pagar 4 milhões pela manutenção e administração da Arena à Odebrecht. Em 2013, a gestora teve prejuízo operacional de 16,2 milhões. "A premissa do contrato era tornar a Arena sustentável, com a realização dos jogos dos três grandes, mas não conseguimos atingir essa meta", disse o presidente da Arena Pernambuco, Alexandre Gonzaga. Com um financiamento de mais de 1 bilhão de reais que permitiu a construção de seu estádio em Itaquera, o Corinthians também corre atrás de dinheiro. Nos jogos, a despesa chega a atingir 770 000 reais, coberta pela renda (desde a inauguração, já acumulou 50 milhões brutos). No dia a dia, entretanto, a manutenção constante e os custos com segurança patrimonial, limpeza, água, luz e o seguro tiram 2,5 milhões de reais por mês do cofre alvinegro. A ideia é pagar essa conta com eventos no centro de convenções e auditórios. Mas a finalização das obras ainda impede o uso dos espaços. "Não podemos vender o que não podemos entregar. Quando a obra estiver finalizada, traremos outros entretenimentos", afirma Lúcio Blanco, gerente de operações da arena.

DESPESAS MÉDIAS POR JOGO
(EM REAIS, NOS ESTADUAIS DE 2015)

Estádio	Despesa
ALLIANZ PARQUE	740 880
ARENA CORINTHIANS	552 964
MARACANÃ* (Flamengo)	474 406
MARACANÃ* (Fluminense)	212 885
MINEIRÃO	146 986
ARENA DO GRÊMIO	117 211
ARENA PERNAMBUCO (Náutico)	24 291**

*O FLAMENGO PARTICIPA DE TODAS AS DESPESAS PARA TER UMA RECEITA MAIOR. O FLUMINENSE NÃO PARTICIPA DE TODAS AS DESPESAS, MAS TAMBÉM TEM UMA RECEITA MENOR.
**O ALUGUEL DO ESTÁDIO NÃO É COBRADO E AS RENDAS BAIXAS PROPORCIONAM COBRANÇAS MENORES DE IMPOSTOS, DE SERVIÇOS E REPASSES À FEDERAÇÃO.

Corintianos isolados no estádio palmeirense. Repare nas cadeiras vazias ao lado

VISITANTES INDESEJADOS

Planejado como uma arena multiuso, o Allianz Parque, do Palmeiras, inaugurado em novembro de 2014, tem enfrentado seus maiores obstáculos nos jogos de futebol. No clássico contra o Corinthians, a torcida única foi defendida pelo Ministério Público, Federação Paulista e pelo próprio Palmeiras. O setor de visitantes foi projetado no anel inferior do estádio, mas, por recomendação da Polícia Militar, todas as cadeiras do setor correspondente no anel superior foram inutilizadas. A WTorre enxergou a atitude como um equívoco e alegou que projetou o setor em conjunto com a Polícia Militar, a Tropa de Choque e o Corpo de Bombeiros. "Querem operar esse empreendimento novo da mesma forma que se operavam os antigos. O que tem que ser resolvido é o comportamento da torcida", diz Rogério Dezembro, diretor de novos negócios da construtora. O laudo de segurança do estádio foi aprovado com restrições pela PM.

Para o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo Fábio Mariz, não é função dos projetos dos estádios lidar com os problemas de segurança: "A arquitetura não serve para perpetuar o erro. É preciso uma mudança no comportamento, e isso leva tempo". De acordo com Mariz, o caminho a ser seguido não é o proposto pelas autoridades de segurança, como a Polícia Militar: "A polícia é precária, ela faz o que é interessante e prático para ela. Na opinião deles, os estádios deveriam ter grades e lanças, como um presídio", critica. A Polícia Militar não respondeu aos questionamentos da reportagem.

A concentração dos torcedores, tradicional no Palestra Itália, agora é uma dor de cabeça no Allianz Parque. A entrada das delegações, que já era conturbada antes da reforma, agora ocorre pela Rua Turiaçu, onde estão a sede das torcidas organizadas do clube, bares, um dos portões e uma das bilheterias da arena. Para Dezembro, a polícia deveria impedir a entrada de pessoas em parte da rua e criar uma faixa de rolamento para a chegada das equipes, além de fiscalizar o consumo de bebidas alcoólicas: de acordo com o diretor, ele é um dos geradores de violência nos arredores do estádio. "Não pode vender álcool dentro do estádio, mas bebem fora. É o rabo abanando o cachorro", afirmou. No dérbi paulista, torcedores do Palmeiras e a Polícia Militar se enfrentaram na via.

Luís Butti, torcedor do Corinthians, foi ao estádio do rival de metrô. Suas principais reclamações foram a ausência de vendedores e bares no setor de visitantes e a proximidade dos prédios vizinhos, de onde os moradores podem atirar objetos. Segundo Butti, havia mais policiais que de costume. "Muita polícia, muita cara de cavalo cercando. Até por causa dos shoppings, os visitantes não podem ser impedidos de entrar neles", disse.

Confronto entre palmeirenses e PM na rua Turiaçu

QUANDO ARQUITETURA E POLÍCIA NÃO CONVERSAM

O CASO ALLIANZ PARQUE, EM SÃO PAULO

TORCEDORES PRÓXIMOS AOS GRAMADOS

Para a PM, a ocupação desse espaço deixa a entrada de jogadores aos vestiários muito vulneráveis. A sugestão contida no laudo do Allianz Parque é que os atletas entrassem e saíssem de campo por meio de túneis. Outra ideia da polícia foi o uso de vidro temperado para separar o gramado da torcida – e, por consequência, diminuir o emprego de força policial nas partidas.

CADEIRAS

Para a PM, as cadeiras de plástico são muito frágeis e podem ser arremessadas no campo.

VISITANTES

A polícia recomenda inutilizar quatro fileiras de arquibancada superior para evitar o "contato visual" com a torcida visitante. Nos clássicos, a sugestão é inutilizar três níveis de cadeiras, incluindo camarotes.

ENTRADA DE TORCEDORES

A tradicional concentração de torcedores na Rua Turiaçu impediria o acesso dos dois times no jogo. A justificativa é a localização próxima de organizadas palmeirenses.

©1 RENATTO PIZZUTTO ©2 MARCOS RIBOLLI ©3 ATLÉTICO-MG OFICIAL

Construa, e os torcedores virão?

“Quem vai sair de casa? O metrô é longe, a cidade tem praia e o jogo está passando na TV”, , diz o presidente do Náutico, Gláuber Vasconcelos. Em 2015, até a sexta rodada do Pernambucano, a média de público na Arena Pernambuco era de 3900 por partida, a pior do campeonato. O governo pernambucano não cumpriu a promessa de ampliação da BR-232 e da construção do ramal externo e do Corredor Leste-Oeste, o que facilitaria a chegada, e a estação Cosme e Damião do metrô fica a 2,5 km de distância.

Segundo Marcelo Frazão, do Maracanã, os novos estádios, por si só, não trazem mais torcedores ao estádio. “Historicamente, a média de público no Brasil é baixa.” O cenário ideal, diz Frazão, seria Flamengo e Fluminense com estádios próprios menores e utilizando o Maracanã só em grandes jogos. “É inviável ter jogo de 20000 em um estádio de 78000 pessoas.”

Em Minas Gerais, a final entre Cruzeiro e Atlético-MG, pela Copa do Brasil, levou 39786 torcedores ao Mineirão, com capacidade para 60000 pessoas. Havia um vazio nas cadeiras centrais, a área mais nobre do estádio, com ingressos a 700 reais: apenas 1626 torcedores compraram um dos 7000 assentos do local. A cena se repetiu na maior parte das partidas do Cruzeiro.

No Allianz Parque, o preço médio dos ingressos no Paulistão é um retrato da nova cultura de preços: 78 reais. O Palmeiras tem, sozinho, uma renda bruta maior que a de todo o Campeonato Carioca. O estádio registra, no entanto, a maior despesa dos novos estádios: os custos ultrapassaram 1 milhão de reais por jogo nas duas partidas pelo Brasileiro. Na Arena Corinthians, o setor Oeste Superior, a 250 reais, não vendeu nenhum ingresso nos dois primeiros jogos do Paulistão. Levar os torcedores ao estádio é uma equação mais complexa do que se pensava.

Tardelli celebra o título da Copa do Brasil. Mas cadê a torcida?

MÉDIA DE PÚBLICO DAS ARENAS NOS ESTADUAIS

Clube	Média
CORINTHIANS	27038
PALMEIRAS	26386
FLAMENGO	17825
CRUZEIRO	16382
GRÊMIO	16230
FLUMINENSE	9542
NÁUTICO	3898

*APENAS PARTIDAS COMO MANDANTES

OBRAS QUE NÃO TÊM FIM

Antes de cada jogo, operários da Arena Corinthians transferem o maquinário e materiais de construção para uma área designada do estádio. A cobertura do estádio não foi finalizada e o time ainda precisa negociar os camarotes e as PSLs (personal seat licence, as populares “cativas”). O estádio também tem mais de 60 áreas de concessão para a implantação de lojas e outros estabelecimentos. A estratégia da gestão era construir todas de uma vez, mas agora admite que apenas metade será implementada: o restante dependerá da evolução dessas parcerias.

No Maracanã, o equilíbrio financeiro passava pela construção de dois edifícios-garagem e um shopping onde estão o Estádio de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare. Após protestos contra as demolições dos dois complexos, governo e consórcio decidiram manter os dois centros esportivos. Agora a administradora do Maracanã deseja readequar o contrato para recuperar a sustentabilidade econômica do estádio.

Há dois anos, o Náutico tenta fazer de São Lourenço da Mata a sua casa. Uma cidade deveria crescer em volta de um empreendimento milionário como a Arena Pernambuco. A ideia inicial seria a construção de condomínios populares do programa federal Minha Casa, Minha Vida.

Com o interesse da Odebrecht no negócio, a ideia cresceu: o entorno do estádio deveria abrigar restaurantes, shoppings, faculdades em um projeto chamado Cidade da Copa. No entanto, as obras enfrentaram problemas com a legislação ambiental e regularização fundiária e nunca saíram do papel — isolado e distante de seu bairro, o Timbu agora joga onde mais ninguém mora: a Arena Pernambuco não é casa de ninguém. ☒

ARENAS INACABADAS

O QUE FALTA PARA OS ESTÁDIOS FICAREM PRONTOS

ARENA CORINTHIANS

- Dois telões nas áreas laterais do estádios
- Cobertura Setor Oeste
- Áreas de concessão (lanchonetes e lojas)

ARENA PERNAMBUCO

Responsabilidade do governo

- Reforma e ampliação da rodovia BR-232 (principal acesso do Recife à BR-408)
- Terminar a construção do ramal externo e do Corredor Leste-Oeste

Responsabilidade da construtora

- Desenvolvimento do entorno (projeto Cidade da Copa, paralisado)

A ditadura NO FUTEBOL não acabou

POR Breiller Pires

Lei da mordaça, coronelismo, censura, ameaças e assassinato. Práticas típicas do regime militar blindam círculo de poder dos cartolas e proliferam por estádios, clubes e federações no Brasil

As mãos que tapavam a boca dos jogadores de Flamengo e Fluminense, enfileirados no gramado do Maracanã, tinham um alvo em comum. Três meses antes do protesto, a Federação de Futebol do Rio de Janeiro (Ferj) havia decretado a "lei da mordaça". A entidade emplacou um artigo no regulamento do Campeonato Carioca proibindo profissionais de criticarem publicamente a competição. O arroubo autoritário da Ferj fez uma vítima justamente na semana do clássico.

Vanderlei Luxemburgo, técnico do Flamengo, pegou dois jogos de suspensão do Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) por, supostamente, "assumir conduta contrária à disciplina ou ética esportiva" ao questionar regra do torneio que permite a inscrição de apenas cinco jogadores da base por equipe. Em fevereiro, a Justiça anulou a lei da mordaça graças a uma ação civil movida pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro. "O artigo da Ferj era inconstitucional, arbitrário, feria a liberdade de expressão", afirma o defensor público Eduardo Chow. Embora uma liminar tenha derrubado a censura, a Federação usou sua influência no TJD para aplicar retaliação ao treinador rubro-negro por meio do Código Brasileiro de Justiça Desportiva.

"Parece que ainda vivemos na ditadura", diz Luxemburgo. "Fui violentado como cidadão, mas não vou me calar." Em conjunto com o Ministério Público, a Defensoria promete levar a ação contra a Ferj às últimas instâncias, incluindo um pedido de dano moral coletivo de 1 milhão de reais. A princípio, o gesto subversivo dos jogadores no Fla-Flu não constrangeu a Federação, que rogou punição ao atacante Fred, do Fluminense, por ter se queixado da arbitragem e do Estadual depois de expulsão no clássico. Nos anos de chumbo, a tirania no futebol brasileiro jogou duro com atletas e torcedores rebeldes. De lá para cá, pouca coisa mudou.

©FOTO PEDRO MARTINS/AGIF

Na bola e na bala

Seis tiros aturdiram a tarde de 5 de julho de 2012 em frente à Rádio Jornal 820, de Goiânia. Quatro deles atingiram à queima-roupa o jornalista Valério Luiz de Oliveira, 49 anos, que morreu dentro do carro quando saía da emissora. Menos de três anos se passaram e Maurício Sampaio, indiciado pela polícia como o mandante do assassinato, foi aclamado presidente do Atlético-GO. Ele chegou a ficar preso, mas aguarda em liberdade o julgamento — ainda sem data marcada.

Em 2012, Sampaio era vice-presidente do clube. Diante dos maus resultados da equipe, penúltima colocada do Campeonato Brasileiro, o dirigente decidiu renunciar ao cargo. Em um programa na PUC TV, onde o jornalista também trabalhava, Valério criticou a diretoria do Atlético e afirmou que, "quando o barco está enchendo de água, os ratos são os primeiros a pular fora". De acordo com a investigação, as recorrentes críticas do comunicador à cúpula atleticana motivaram o homicídio. "A morte do meu pai tem relação direta com o futebol", diz Valério Luiz Filho. "Meu medo é de que o Maurício Sampaio consiga evitar o júri popular. Ele tem poder na cidade, ainda mais agora, como presidente do Atlético."

Sampaio alega ser inocente e rechaça participação no assassinato de Valério. Sua aclamação no Atlético-GO surpreendeu os familiares do jornalista, assim como o apoio de torcedores do clube a despeito da conclusão do inquérito policial. "Parte da torcida ficou do lado do Maurício Sampaio. Estamos indignados com sua eleição no clube. As pessoas se comovem mais pelo futebol do que por um ser humano que perdeu a vida", diz o filho. A cortina de fumaça sobre o assassinato de Valério é só um exemplo da indiferença aos atentados contra a liberdade de imprensa no meio.

Pena de morte

Valério Luiz Filho e Mané de Oliveira, pai do jornalista assassinado em Goiânia, exaltam postura combativa de Valério Luiz na imprensa e cobram julgamento do réu Maurício Sampaio (à esq.), atual mandachuva do Atlético Goianiense: "A liberdade de expressão foi ferida de morte".

Segundo relatório da Federação Nacional dos Jornalistas, seis casos de violência envolvendo profissionais de comunicação em 2014 estavam associados ao futebol. Todos eles seguem impunes ou mal-resolvidos. A três dias do último Natal, o radialista esportivo Iran Machado foi executado com dez tiros na porta de casa em Itabaiana, interior de Sergipe. Apesar da suspeita de que alguma denúncia de Machado no rádio pudesse ter ocasionado o assassinato, e da prisão de Jefferson Chaves, o Bodão, principal acusado dos disparos, a polícia não conseguiu esclarecer a motivação do crime.

Um dos pilares da democracia, a liberdade de imprensa tem sido frequentemente escarnecida pela ala futebolística. Desde que reassumiu a presidência do Atlético-PR, Mario Celso Petraglia se esforça para minar críticos de sua administração. Já intimidou jornalistas, vetou a cobertura de treinos da equipe e, em setembro do ano passado, barrou rádios, jornais e sites dos jogos na Arena da Baixada. Somente uma liminar conquistada na Justiça pelo Sindicato dos Jornalistas do Paraná fez com que o clube voltasse a permitir a entrada dos veículos de imprensa credenciados.

Essa é a terceira vez que Petraglia preside o Furacão. Entre cargos na diretoria e no conselho, ele gravita na zona de poder do Atlético desde 1984. Trajetória típica de um dirigente tal qual Eurico Miranda, no Vasco. Mentor da lei da mordaça, Rubens Lopes completará uma década na presidência da Federação do Rio de Janeiro em 2016. Reeleito por

Poderes ilimitados

Zeca Xaud está há 41 anos à frente da Federação Roraimense, que organiza o Estadual com menor média de público do país. O general Emílio Médici (acima, com Pelé) ainda governava o país quando o cartola ascendeu ao cargo.

©1 SEBASTIÃO NOGUEIRA/O POVO ©2 CARLOS COSTA ©3 PEDRO SILVEIRA ©4 EUGÊNIO SÁVIO ©5 GILVAN DE SOUZA/CRF

Verdade e justiça
Reinaldo, maior artilheiro do Mineirão e opositor do regime militar quando jogador, apoia a mudança de nome do estádio. "Uma praça esportiva como o Mineirão, que é um bem público, deveria reverenciar gente do futebol, não políticos da ditadura."

Arenas da censura
Proibição de faixas e protestos de torcedores se acentuou após construção e modernização de estádios para a Copa do Mundo no Brasil. Em sintonia com a Fifa, CBF orienta clubes e federações a coibir qualquer tipo de mensagem que extrapole o futebol.

aclamação no ano passado, ele tem mandato até 2018. Seu antecessor, Eduardo Viana, que morreu em 2006, comandou a Ferj por quase duas décadas. No futebol brasileiro, 11 dos 27 presidentes das federações estaduais, que ajudam a eleger o comando da CBF, ocupam o cargo há mais de 20 anos. Quatro deles dão as cartas desde a época em que o país era governado pelo regime militar. Recém-empossado na CBF, Marco Polo Del Nero dirigiu a Federação Paulista por 12 anos.

"A ditadura não inventou a cultura autoritária do Brasil, mas aprofundou-a e a expandiu para além da política. No futebol nacional, há a 'cultura do mandonismo'. Dirigentes comportam-se como se estivessem administrando um negócio que lhes pertence, como uma fazenda", afirma Adriano Codato, doutor em ciência política e professor da Universidade Federal do Paraná. Líder do Bom Senso F.C., grupo de jogadores que articula a inclusão da limitação de mandatos de dirigentes entre as contrapartidas da Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte que tramita no Congresso, o zagueiro Paulo André defende que "a alternância de poder é a pedra fundamental para o desenvolvimento do nosso futebol".

Entre as arbitrariedades perpetradas pelo mandonismo dos cartolas, a que atinge mais frontalmente o torcedor é a censura prévia nos estádios. No fim de 2014, a CBF determinou que nenhuma manifestação nas arquibancadas será tolerada sem sua anuência. Isso significa o veto à exibição de faixas, bandeiras, mosaicos e camisetas de protesto. Seja contra, seja a favor de governos, causas e, principalmente, federações e seus clubes filiados. A Fifa já havia imposto norma semelhante durante a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. "Vivemos um retrocesso", diz Rodrigo Collodel, presidente da Frente Nacional dos Torcedores, movimento que pede a democratização do futebol. "No tempo da ditadura, os estádios abrigavam as reivindicações que as pessoas não podiam fazer nas ruas. Agora estão se tornando ambientes higienizados e controlados por dirigentes."

Embora siga a cartilha censora da CBF, o Mineirão pode simbolizar o início de uma ruptura. Um projeto de lei do deputado estadual Paulo Lamac pretende substituir o nome oficial do estádio — uma homenagem a Magalhães Pinto, ex-governador de Minas Gerais e apoiador do golpe militar — por apenas "Mineirão". Existe a expectativa de que a proposta seja aprovada na Assembleia estadual ainda este ano. "Mudar o nome do Mineirão será um marco histórico. Sobretudo nesse período em que muita gente ignora valores democráticos e pede a volta da ditadura", diz Lamac. Mesmo após 30 anos da redemocratização do país, as veias do regime ditatorial continuam abertas, manchando o futebol de sangue, decretos e opressão. ☒

Lei da mordaça
Punido por criticar o Campeonato Carioca, Vanderlei Luxemburgo recorreu ao esparadrapo na boca para protestar contra a imposição da Ferj e da Justiça Desportiva. "Esses focos ditatoriais nos levam de volta ao passado."

VEJA MAIS NO SITE
Conheça o "AI-5 da bola": http://abr.ai/1I6XXPf

EDIÇÃO *Paulo Jebaili*

Planeta bola

Craques e bagres que fazem o futebol no mundo

TIME DO CURAÇAO

Ex-atacante holandês assume comando de seleção caribenha

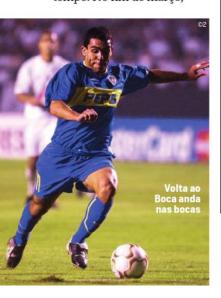
Como assistente de Louis Van Gaal, o ex-atacante Patrick Kluivert ajudou a Holanda a chegar ao terceiro lugar na Copa do Mundo de 2014. Agora tem um desafio muito mais difícil em relação ao próximo Mundial: classificar a seleção de Curaçao. Por laços familiares (a mãe de Kluivert nasceu na ilha), o holandês topou dirigir a seleção nas Eliminatórias da Concacaf. Revelou ter recebido ofertas para treinar clubes e a seleção de Gana, mas o coração falou mais alto. "Eu tenho muitos familiares e uma conexão muito forte com este lugar", declarou.
Na estreia, Curaçao conseguiu uma vitória em casa por 2 x 1 sobre Montserrat. Depois, um 2 x 2 fora garantiu o avanço à segunda fase. No próximo mês, enfrenta Cuba em novo mata-mata. São cinco fases na Concacaf até a definição das seleções que irão ao Mundial.

Kluivert: laços familiares o levaram a aceitar desafio na Concacaf

Tévez volta à seleção, sob comando de Tata Martino

Lembrança de Carlitos

Aos 31 anos, carreira de Carlos Tévez vai sendo pontuada por retornos

Em novembro, ele voltou a ser chamado para a seleção argentina, após uma ausência de quase quatro anos. Com duas Copas do Mundo e a medalha de ouro olímpica no currículo, o atacante não figurou entre os chamados por Alejandro Sabella para o Mundial no Brasil. Sob o comando de Tata Martino, Tévez foi convocado em novembro para os amistosos com Portugal e Croácia. Em ambos, entrou no segundo tempo. No fim de março, começou entre os titulares no amistoso com El Salvador e entrou contra o Equador.

Em tese, Tévez luta por um espaço com Agüero e Higuaín por uma vaga para a Copa América. Mas o modelo de Martino é mais ofensivo que o de Sabella e tem mais variações, pode ser um 4-4-1-1 ou um 4-2-3-1. Jogadores de frente com capacidade de participar da armação têm mais chances, casos de Lavezzi, Di María, Lamela e do próprio Tévez. É muita gente boa para pouca vaga, ainda mais que uma delas é de Lionel Messi e ninguém tasca.

Mas não é só o retorno à albiceleste que tem mexido com o imaginário de Tévez. É cada vez mais forte o rumor de sua volta ao Boca Juniors. O jogador vive sua melhor fase na Juventus (talvez a melhor de sua carreira) e tem contrato até 2016 com o time italiano. Mas o presidente xeneize Daniel Angelici já começou a mobilizar as manchetes com a possibilidade de Carlitos retornar ainda este ano a Buenos Aires. Julga que o lado emocional pode influenciar na decisão. Do pouco que se pronunciou a respeito, o atacante deu a entender que pretende cumprir seu contrato com a Juve até o fim. A volta parece adiada, mas desde já deixa muito torcedor do Boca com saudade do futuro.

Volta ao Boca anda nas bocas

Sucesso na Juve

Harry Kane: talento da base

MERCADO RESERVADO

O futebol inglês ensaia uma restrição a estrangeiros a partir de 2016. O principal dirigente da federação local, Greg Dyke, anunciou uma série de propostas para garantir mais espaço aos jogadores formados nas categorias de base dos clubes do país. Sob o argumento de que a Premier League corre o risco de "não ter nada a ver com o povo inglês", o cartola sugere medidas:

***Redução** da idade de 18 para 15 anos, para que um jogador seja considerado formado por um clube.*

***Aumento** de oito para 12 atletas formados no clube, em cada plantel de 25.*

***Apenas** o melhor dos jogadores de fora da comunidade europeia teria permissão para atuar no país.*

Em entrevista à BBC, Dyke usou o exemplo do atacante Harry Kane, que só estreou como titular no Tottenham aos 20 anos, em abril de 2014, e briga pela artilharia da atual temporada. O dirigente considera que o atacante só teve oportunidade no clube londrino, quase que por um lance de sorte, quando Tim Sherwood, que treinava a categoria sub-21, assumiu o time principal. "Quantos outros Harry Kanes estão pela base dos times ingleses?", questionou.

Clubes dos caras

As histórias por trás das figuras que batizam times sul-americanos

Jorge Wilstermann

Em 1949, funcionários do Lloyd Aereo Boliviano fundaram o Club Deportivo y Cultural LAB. Em 1953, o time de Cochabamba passou a se chamar Jorge Wilstermann, em homenagem ao primeiro piloto comercial da Bolívia.

Bolívar

Um grupo de jovens de classe média de La Paz, ao fundar o time em 1925, decidiu homenagear o general venezuelano Simón Bolívar, que se envolveu em processos de independência de vários países da América do Sul.

Juan Aurich

A equipe da cidade de Chiclayo, no noroeste do Peru, foi fundada em 1922 por trabalhadores de uma fazenda, que decidiram prestar uma homenagem ao dono da propriedade: Don Juan Aurich Pastor.

Coronel Bolognesi

O clube de Tacna, no sul do Peru, leva o nome do militar Francisco Bolognesi Cervantes, que lutou na Guerra do Pacífico, na qual Peru e Bolívia enfrentaram o Chile, num conflito que se estendeu de 1879 a 1883.

César Vallejo

Fundado em 1996, o time da universidade da cidade de Trujillo, a maior do norte do Peru, é conhecido como Los Poetas. Afinal, leva o nome daquele que é considerado um dos maiores poetas da língua hispânica.

©4

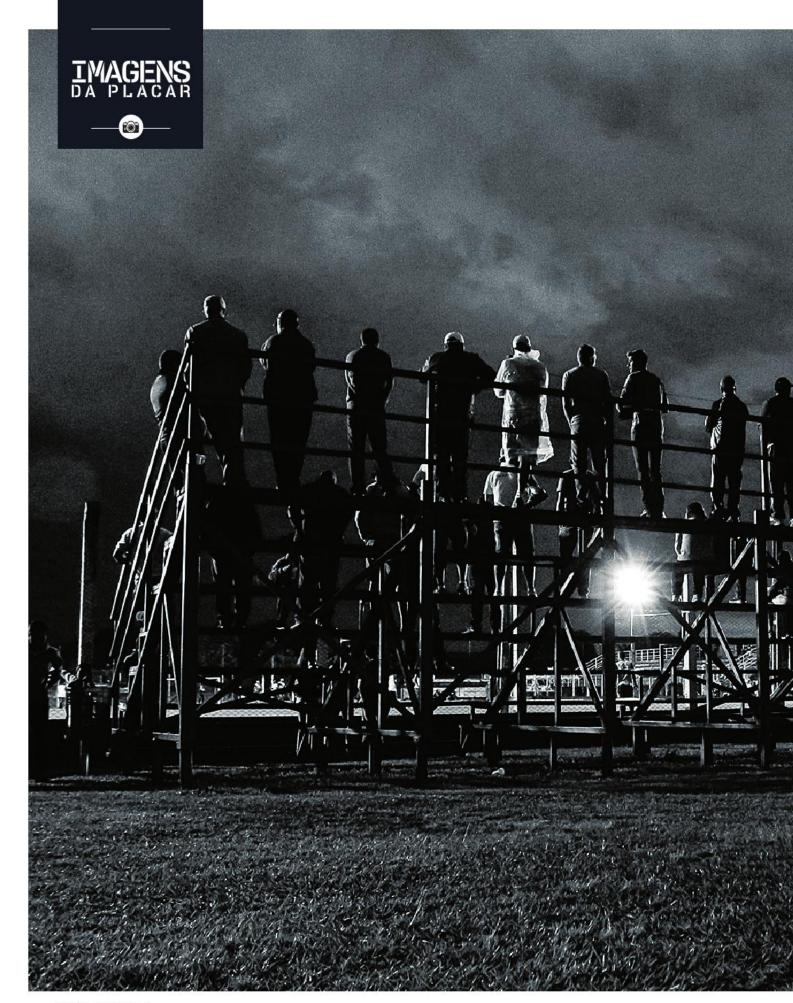
CAMPO DA DIPLOMACIA

A reaproximação entre EUA e Cuba não acontece só na esfera dos gabinetes. No dia 2 de junho, o New York Cosmos, de **Raúl**, fará um amistoso com a seleção cubana, em Havana. Os dois países romperam relações em 1961. A seleção dos EUA fez uma partida em Cuba, em 2008, pelas Eliminatórias para a Copa da África do Sul. Venceu por 1 x 0.

©1

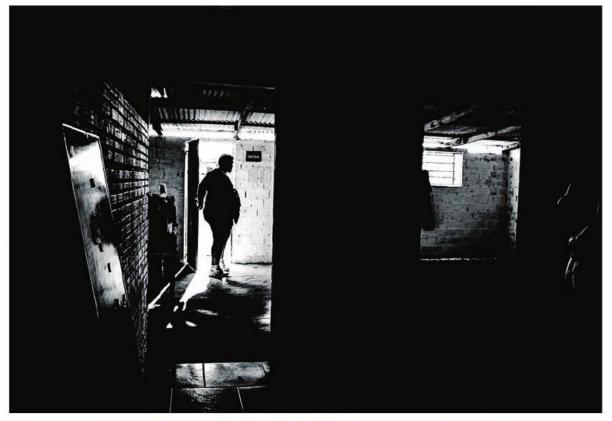
PRONTA ENTREGA

Aos 29 minutos do segundo tempo do amistoso com o Brasil, o meia-atacante Nabil Fekir estreou na seleção francesa. O time perdia por 3 x 1 (resultado final do jogo), mas ganhava um talento. Aos 21 anos, o jogador poderia ter optado por jogar pela Argélia. Apesar de falar do dilema, Fekir já havia dado uma pista sobre seu destino um mês antes, ao jornal *L'Equipe*: "Se o Didier Deschamps me chamar, vai ser difícil dizer não". O meia do Lyon segue uma linha de jogadores que surgem dando a impressão de prontos, como Raphaël Varane e Paul Pogba. Fekir tem sido decisivo na boa campanha do Lyon na Ligue 1. Até a 31ª rodada, havia feito 12 gols e sete assistências. O presidente do clube, Jean-Michel Aulas, não poupa elogios: "Assim como o Messi, ele pode rapidamente mudar uma partida", disse. Fekir também atuou no jogo seguinte, em que a França venceu a Dinamarca por 2 x 0. O meia declarou que seu objetivo é estar no grupo que disputará a Eurocopa de 2016, em casa.

©1

Beleza nas pelejas

*Em suas viagens com o Inter de Santa Maria, o fotógrafo **Daniel Pillar** retratou o futebol do interior gaúcho. Da paixão dos torcedores ao sangue pelas canchas – inclusive as de portas fechadas —, surgiu o site www.interiorforte.com. "O interior é legal, tem tradição, é forte."*

SOBRE A MADEIRA
Os torcedores assistem ao amistoso do Panambi. "Gosto de fotografar as arquibancadas, mostrar essa perspectiva diferente do estádio", diz Pillar

OS VISITANTES COMEMORAM
Avenida e União Frederiquense em partida que valia vaga na elite do Gaúcho, em 2014. Apesar da festa com sinalizadores da torcida local, que também acompanhou o jogo em cadeiras de praia (abaixo), quem comemorou a vaga foram os visitantes – o União subiu depois

NO ESCURO
Primeiro a chegar e último a ir embora, o roupeiro do Inter de Santa Maria fecha o vestiário do time visitante após a goleada por 6 x 0 no Riopardense. Em Crissiumal, atletas do alvirrubro aguardam a partida contra o Tupi (abaixo)

É PAU, É PEDRA
Mergulhando de cabeça na grama, sub-19 de Riograndense e Inter de Santa Maria disputam o clássico Rio-Nal no Estádio dos Eucaliptos. À esquerda, jogador do Nova Prata com curativo depois de sofrer um corte no rosto

NAS FACHADAS, UM ALENTO
Para seu projeto favorito, Pillar percorre o interior gaúcho em busca de estádios de cidades tradicionais, como o Miguel Copatti, de Livramento, onde os times fecharam as portas. Outros, como o Bento Freitas, o do Guarani de Venâncio Aires e o do 14 de Julho, se mantêm na ativa

ESTÁDIO DO ARMOUR F.C., LICENCIADO DESDE A DÉCADA DE 90

BRASIL, DE PELOTAS

PEDRO OSÓRIO, DE TUPANCIRETÃ, ATUALMENTE INATIVO

GUARANI, DE VENÂNCIO AIRES

14 DE JULHO, DE LIVRAMENTO

GRÊMIO SANTANENSE: LONGE DOS TORNEIOS

EDIÇÃO *Marcos Sergio Silva*

Placar pédia

Números e curiosidades que explicam o futebol

Dunga: no top 5 dos treinadores da seleção

APROVEITA, DUNGA!

Desempenho do treinador o coloca entre os cinco melhores da seleção

Terceiro técnico com mais jogos pela seleção brasileira, depois de Zagallo e Parreira, Dunga detém um dos melhores aproveitamentos, atrás de João Saldanha, Telê, Feola e do Velho Lobo.

Com oito vitórias em oito jogos até a partida contra o Chile, em 29 de março, Dunga tem a oportunidade de igualar a marca de João Saldanha, que venceu seus nove primeiros jogos em 1969, e superar Aymoré Moreira, recordista com dez vitórias seguidas entre 1961 e 1962.

Em sua primeira passagem, entre 2006 e 2010 (60 jogos, 42 vitórias, 12 empates e seis derrotas), o atual técnico da seleção brasileira teve aproveitamento mais modesto: 76,6%.

Melhores aproveitamentos*

TÉCNICOS	J	V	E	D	APROV.
João Saldanha	17	14	1	2	85,3
Telê Santana	53	38	10	5	81,1
Vicente Feola	57	41	10	6	80,7
Zagallo	126	90	26	10	80,3
Dunga	65	47	12	6	78,5
Carlos Alberto Silva	19	12	5	2	76,3
Oswaldo Brandão	32	21	6	5	75
Luiz Felipe Scolari	53	37	7	9	74,2
Cláudio Coutinho	31	17	11	3	72,6
Vanderlei Luxemburgo	33	21	7	5	70,7

***Técnicos com mais de 15 jogos**

Segundo técnico com mais jogos pelo São Paulo, atrás apenas de Vicente Feola (533), Muricy encerrou mais um ciclo pelo tricolor, dessa vez sem conquistar títulos.

PERÍODO	JOGOS	APROV. (%)	TÍTULOS
1994-1997	38	62,3%	1 Copa Conmebol
1996-1997	73	59,8%	1 Copa Master
2006-2009	253	64,6%	3 Brasileiros
2013-2015	109	59,9%	-
Total	473	62,6%	

OS MAIORES SALÁRIOS* DO FUTEBOL POR POSIÇÃO

* Em milhões de reais por ano. Fonte: *Marca*

OS BRASILEIROS QUE JÁ FORAM NEGOCIADOS PELO PORTO COM OUTROS GIGANTES DA EUROPA

Jogador	Ano	Valor	Clube
Danilo	2015	31,5	Real Madrid-ESP
Fernando	2014	15	Man. City-ING
Hulk	2012	40	Zenit-RUS
Anderson	2007	32	Man. United-ING
Pepe	2007	30	Real Madrid-ESP
Diego	2006	6	Werder Bremen-ALE
Derlei	2005	8	Dínamo Moscou-RUS
Deco	2004	21	Barcelona-ESP

Em milhões de euros

Camisas mais vendidas do Campeonato Inglês 2014/15
Fonte: *Daily Mail*

9,6% Di María
Man. United

3,8% Alexis Sánchez
Arsenal

2,3% Diego Costa
Chelsea

5,1 MILHÕES

de dólares é quanto vai levar para casa o campeão da Copa Libertadores 2015, o mesmo valor do ano passado. O vencedor da Liga dos Campeões da Europa ganhará 802% mais:

40,9 MILHÕES DE DÓLARES

TÉCNICOS MAIS BEM-PAGOS DO MUNDO*

JOSÉ MOURINHO
Chelsea
18

CARLO ANCELOTTI
Real Madrid
15,5

PEP GUARDIOLA
Bayern Munique
15,2

ARSÈNE WENGER
Arsenal
11,3

* Em milhões de euros por ano. Fonte: *France Football*

MEU TIME DOS SONHOS

Os 11 melhores de todos os tempos para...

NELINHO

Supercampeão no Cruzeiro e no Atlético, só não encaixou Ronaldinho Gaúcho. "Não posso colocar de lateral?"

ESQUEMA

4-4-2

GOLEIRO

NEUER

"Bom debaixo das traves, joga como líbero e tem fantástica noção de posicionamento."

ZAGUEIRO

BARESI

"Tinha noção de cobertura e antecipação. Bom na jogada aérea."

ZAGUEIRO

LUÍS PEREIRA

"Jogou comigo na seleção. Era bom na marcação e sabia sair com a bola."

LATERAL-DIREITO

CARLOS ALBERTO TORRES

"Aprendi vendo-o jogar, com muita simplicidade e movimentação."

LATERAL-ESQUERDO

BREITNER

"Jogou de lateral-esquerdo e meia, saía jogando, atacava com qualidade."

VOLANTE

BECKENBAUER

"Muito habilidoso. O senso de colocação que tinha fazia a diferença."

MEIA

PLATINI

"Tinha grande capacidade na criação. Tranquilidade na chegada e na conclusão."

MEIA

PELÉ

"Eu não preciso falar do Pelé, né? Sem comentários."

MEIA

MARADONA

"Conduzia a bola muito bem e era fantástico no drible, além da visão para as assistências."

ATACANTE

RONALDO

"Enquanto esteve fisicamente bem, o arranque dele era mesmo fenomenal."

ATACANTE

MESSI

"O mais perfeito na condução de bola da história. É quase impossível de tirar a bola."

Cleverson Santos
Curitiba (PR)

Quais jogadores de futebol conquistaram tanto o ouro olímpico como a Copa do Mundo? Com relação a técnicos, acredito que o único foi Vittorio Pozzo, da Itália.

R: Ao todo, 15 jogadores foram campeões olímpicos e mundiais. São 11 uruguaios (alguns duas vezes medalha de ouro) e quatro italianos. E tem razão, Cleverson: Vittorio Pozzo foi o único a vencer Copa e Olimpíada como técnico. Desde então, nenhuma outro time alcançou o feito. A seleção com mais medalhistas campeões mundiais é o Brasil: são 15.

NO ALTO DO PÓDIO

CAMPEÕES MUNDIAIS QUE CONQUISTARAM A MEDALHA DE OURO

URUGUAI 1930	1924	1928
ANDRADE	●	●
ANSELMO	●	
CASTRO	●	●
CEA	●	●
FERNÁNDEZ	●	
GESTIDO	●	
MELOGNO	●	
NASAZZI	●	●
PETRONE	●	●
SCARONE	●	●
TEJERA	●	

O Uruguai de 1930: geração de ouro

ITÁLIA 1938 E OLIMPÍADA DE 1936
LOCATELLI, FONI, RAVA E SERGIO BERTONI

CAMPEÕES MUNDIAIS MEDALHISTAS

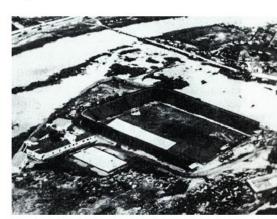
POR PAÍS

BRASIL 1994 E 2002
8 BRONZES *1996 E 2008*
6 PRATAS *1984 E 1988*
1 PRATA E BRONZE *(BEBETO) 1988 E 1996*
ALEMANHA 1990
4 BRONZES *1988*
ITÁLIA 2006
5 BRONZES *2004*
ESPANHA 2010
4 PRATAS *2000*

Bebeto: campeão mundial em 1994, prata em 1988 (centro) e bronze em 1996 (ao lado)

Luís Octávio Di Sarlo
Mongaguá (SP)

Me disseram que o Canindé, hoje da Portuguesa, já foi estádio do São Paulo. Mas a data de inauguração é de 1972, quando o Morumbi já havia sido aberto. Estou confuso...

R: Não é uma história simples, Luís. O campo do Canindé jamais recebeu jogos do São Paulo. O terreno às margens do Rio Tietê pertencia a um casal de italianos, os Vannucci, que o alugava para a Associação Alemã de Esportes, cuja prática mais frequente era o atletismo. A partir de 1942, o São Paulo passou a utilizar a área como centro de treinamento, ajudando a associação a pagar o aluguel. Dois anos depois, comprou definitivamente o terreno. O campo era conhecido como Ilha da Madeira por beirar o ainda sinuoso traçado do Rio Tietê, que seria retificado na década de 1960. Havia inúmeros lagos ao redor do gramado. Como o tricolor lançou a pedra fundamental do Morumbi em 1952, o objetivo do clube passou a ser arrecadar dinheiro para a construção do novo estádio. E contou com a ajuda do conselheiro Wadih Saddi, que arrematou o local em 1955 e no mesmo ano o repassou para a Portuguesa, que sedia jogos lá desde 1956. O Canindé foi reformado e inaugurado com arquibancadas de concreto em 1972 como Estádio Independência. Hoje, o nome oficial é Oswaldo Teixeira Duarte.

O Canindé durante a retificação do Tietê (acima) e na época do São Paulo: casa tricolor e portuguesa

©1 RICARDO CORRÊA ©2 PEDRO MARTINELLI

VERDES SÓ NO PASSADO

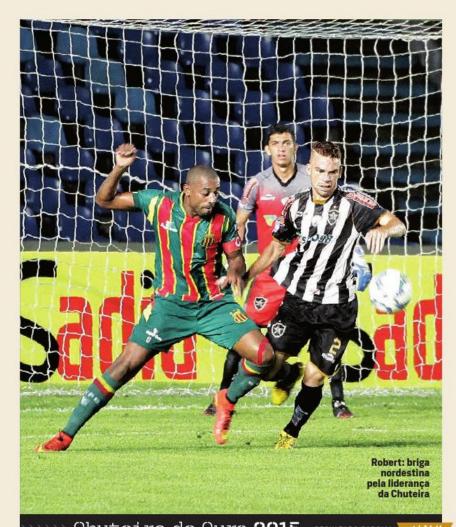
Dupla de ex-palmeirenses lidera a Chuteira com gols por clubes do Nordeste

Em 2009, enquanto Robert reforçava o Palmeiras, outro atacante, Max, treinava separado do grupo. Seis anos depois, Robert, no Sampaio Corrêa, e Max, do América-RN, estão no meio de uma briga acirrada pela Chuteira de Ouro.

Uma disputa que Robert acompanha toda semana. "O Max está um gol na frente", respondeu, antes de a PLACAR avisar que, pelas regras do prêmio, balançar as redes na Copa do Brasil vale mais que no Estadual. Robert lidera com 24 pontos e 15 gols, enquanto Max tem 23 pontos, embora com um gol a mais. Na disputa, pesam os gols feitos pelo Sampaio Corrêa na Copa do Brasil contra o Estrela do Norte (ES). Segundo Robert, a competitividade ajuda: "Nosso primeiro objetivo é a vitória, mas os meus companheiros sabem da disputa e sempre me procuram".

A partir de agora, no entanto, os dois terão mais dificuldade: com o fim dos Estaduais, o América-RN de Max disputa a série C, que não dá pontos para os goleadores. O Sampaio, de Robert, joga a B, que dá 1 ponto por gol.

O líder da Chuteira de Ouro se nega a ver o copo meio vazio. "A série B tem 38 jogos. Ano passado, joguei a série C, que tem poucos. Se eu fizer de 15 a 20 gols, posso brigar", diz o atacante.

Robert: briga nordestina pela liderança da Chuteira

>>>>>> Chuteira de Ouro 2015 — RESULTADO PARCIAL até 14/4

	JOGADOR	TIME	S (2)	BRA (2)	CB/L (2)	CS (2)	CN (2)	EST (2)	EST (1)	PTS
1	ROBERT	*Sampaio Corrêa*	0	0	8(4)	10(5)	0	0	6(6)	24
2	MAX	*América-RN*	0	0	2(1)	0	12(6)	0	9(9)	23
3	LEANDRO DAMIÃO	*Cruzeiro*	0	0	4(2)	0	0	18(9)	0	22
4	ALEXANDRE PATO	*São Paulo*	0	0	4(2)	0	0	16(8)	0	20
	FRED	*Fluminense*	0	0	0	0	0	20(10)	0	20
	ALECSANDRO	*Flamengo*	0	0	2(1)	0	0	18(9)	0	20
	GUERRERO	*Corinthians*	0	0	8(4)	0	0	12(6)	0	20
8	KIROS	*Porto-PE*	0	0	0	0	0	0	19(19)	19
9	MARCELO CIRINO	*Flamengo*	0	0	0	0	0	18(9)	0	18
	CRISLAN	*Penapolense*	0	0	0	0	0	18(9)	0	18
	RICARDO OLIVEIRA	*Santos*	0	0	0	0	0	18(9)	0	18
	MICHEL	*Passo Fundo*	0	0	0	0	0	18(9)	0	18
13	RODRIGO PINHO	*Madureira*	0	0	0	0	0	16(8)	0	16
	KIEZA	*Bahia*	0	0	0	0	10(5)	0	6(6)	16
15	MAGNO ALVES	*Ceará*	0	0		10(5)	0	0	5(5)	15
16	RAFAEL LONGUINE	*Audax-SP*	0	0	0	0	0	14(7)	0	14
	ALAN KARDEC	*São Paulo*	0	0	0	0	0	14(7)	0	14
	EDMILSON	*Red Bull*	0	0	0	0	0	14(7)	0	14
	GILBERTO	*Vasco*	0	0	0	0	0	14(7)	0	14
	BILL	*Botafogo*	0	0	4(2)	0	0	10(5)	0	14

S: SELEÇÃO **BRA:** SÉRIE A **CB:** COPA DO BRASIL **L:** LIBERTADORES **CS:** COPA E RECOPA SUL-AMERICANA
CN: COPA DO NORDESTE **EST:** PRINCIPAIS ESTADUAIS **EST/B:** DEMAIS ESTADUAIS E SÉRIE B

Serginho
O CORAÇÃO PAROU

Ninguém poderia imaginar que o zagueiro do São Caetano fosse viver tão pouco. E morrer de forma tão dramática

POR *Dagomir Marquezi*

No dia 19 de outubro de 1974, nasceu em Vitória (ES) o menino Paulo Sérgio Oliveira da Silva. Era um dos 11 filhos de Virgílio e Anna Oliveira da Silva. Com 20 anos e 1,82 metro, Serginho virou jogador de futebol. Começou em 1995 circulando por times mineiros, Mogi Mirim e Araçatuba. Sua carreira firmou-se em 1999, como zagueiro do São Caetano. Serginho era o xerife da área.

Em fevereiro de 2004, Serginho fez exame de rotina no Incor de São Paulo. Foi diagnosticado com arritmia leve, “alteração típica de coração de atleta”. Em abril, o São Caetano pegou o The Strongest pela Libertadores, nos 3600 metros de La Paz, na Bolívia. O técnico Muricy Ramalho ia poupar alguns atletas, inclusive Serginho. Ele não quis saber: “Estou construindo minha casa, não posso ficar de fora”. Foi o único a não sentir a altitude. Meses depois, Serginho fez um cateterismo e descobriu que tinha uma condição mais perigosa do que imaginava: miocardiopatia hipertrófica assimétrica.

Morumbi, 27 de outubro de 2004, São Paulo x São Caetano. Serginho jogava com a perspectiva de uma transferência para o Olympique Marselha. Aos 13 do segundo tempo, ainda 0 x 0, confusão na área do São Caetano. O juiz Cléber Wellington Abade dá falta a favor do Azulão. Serginho está um pouco à frente da linha da pequena área no gramado do Morumbi. Em seguida, baixa a cabeça e dobra-se pelo abdome. Ele desaba de lado. O são-paulino Grafite tropeça nele. O goleiro Silvio Luiz percebeu que era algo muito mais grave. “Vi os olhos do Serginho fechados, fui abrir e vi as retinas viradas, ele bufando, respirando forte.” Parada cardiorrespiratória.

O jogo é interrompido pelo juiz. A rede Globo transmite ao vivo a agonia. Ele é colocado na maca móvel e atendido pelos médicos de São Paulo e São Caetano. Atletas dos dois times fazem um círculo no centro do campo para orar pelo jogador. As duas torcidas, unidas, gritam seu nome. Serginho segue para o Hospital São Luiz e morre às 22h45.

Uma semana depois, os jogadores dos dois clubes foram convocados a completar o jogo se enfrentando pelos 30 minutos finais. Em apenas meia hora, o Azulão perdeu de 4 x 2 para o tricolor. O técnico Péricles Chamusca perguntou ao jogador Paulo Miranda o que estava acontecendo: “Professor, nós temos oito jogadores chorando em campo”.

Um processo criminal sobre o caso Serginho foi aberto. O presidente Nairo Ferreira e o médico do São Caetano, Paulo Forte, foram afastados temporariamente e indiciados por homicídio doloso. Ambos seriam absolvidos.

Serginho deixou a viúva Helaine e um filho com seu nome, hoje com 15 anos. Seu maior legado foi causado pela sua morte. Por causa dele, hoje os clubes investem em medicina preventiva, jogos têm duas ambulâncias de prontidão e contam com desfibriladores como equipamento obrigatório. Para que a tragédia do Morumbi nunca mais se repita.

MPL
Nas melhores multimarcas do Brasil - 0800 643 7 643 - mpollo.com.br
mpollo_oficial
M.POLLO

WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
Abril 65 ANOS
CHEGA DE CHORO!
CEBOLLA RODRÍGUEZ DESCASCA A ZICA DE TÍTULOS DO GRÊMIO
Por que o técnico do Corinthians é o maior do Brasil
TITE
RIO 2016
O FRACASSO DAS SELEÇÕES DE BASE VAI RESPINGAR NO TIME OLÍMPICO?
Cuidado!
MORDAÇA, PERSEGUIÇÃO E TIROS: A DITADURA SOBREVIVE NOS GRAMADOS
ALÉM DOS ELEFANTES
Um ano depois da Copa, as novas arenas continuam procurando público e dinheiro
EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
ED.1402 x MAIO 2015 x R$13,00
PLACAR
45 ANOS
REVISTA FEITA COM RAÇA